



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM



**A DÊIXIS NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM COMENTÁRIOS
ALUSIVOS AO NORDESTE: UM ESTUDO ENUNCIATIVO EM SITES
ESPORTIVOS E SUAS IMPLICAÇÕES NO ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

AURINEIDE PROFÍRIO BARROS CORREIA

**Recife
2017**

AURINEIDE PROFÍRIO BARROS CORREIA

**A DÊIXIS NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM COMENTÁRIOS
ALUSIVOS AO NORDESTE: UM ESTUDO ENUNCIATIVO EM SITES
ESPORTIVOS E SUAS IMPLICAÇÕES NO ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem – Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem. Área de concentração – Teoria e Análise da Organização Linguística.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. ISABELA BARBOSA DO RÊGO BARROS

**Recife - PE
2017**

Aurineide Profírio Barros Correia

**A DÊIXIS NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM COMENTÁRIOS
ALUSIVOS AO NORDESTE: UM ESTUDO ENUNCIATIVO EM SITES
ESPORTIVOS E SUAS IMPLICAÇÕES NO ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

Defesa pública em

Recife, _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Isabela Barbosa do Rêgo Barros
Universidade Católica de Pernambuco
Orientadora

Profa. Dra. Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo
Universidade Católica de Pernambuco
Examinadora Interna

Prof. Dr. José Temístocles Ferreira Júnior
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Examinador Externo

**Recife - PE
2017**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho:

A minhas filhas Laís e Beatriz pelos sorrisos sinceros e o amor incondicional.

Ao meu marido, Alexandre, por estar sempre ao meu lado, tornando este sonho possível.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, a Deus, presença constante em minha vida, a paz e a força necessária para me fazer seguir sempre em frente e concluir com êxito este mestrado.

A minhas filhas, Beatriz e Laís, por terem suportado tantas ausências e, apesar da pouca idade, demonstrarem a compreensão necessária nesse período de nossas vidas.

Ao Alexandre, o abraço que me acalma, a palavra que me orienta e o AMOR que me sustenta.

A minha vó, Ana Costa (*in memoriam*) que me ensinou, através das primeiras letras, o caminho mais digno de se conquistar os sonhos.

A minha mãe, Elizabete, por me ensinar, desde muito pequena, que quando a gente quer alguma coisa, a gente deve lutar para conquistá-la. Você é um exemplo de mulher guerreira!

Ao João Antonio, o pai que conheço, pelo apoio, carinho e incentivo. Muito obrigada por tudo!

Aos meus irmãos Adriana, Dário e Ricardo por, de alguma forma, participarem da minha vida, incentivando-me e encorajando-me a cada novo sonho e conquista.

Aos meus sobrinhos e sobrinhas: Bruno, Victor, Morgana, Ana Luíza, Isadora, Joãozinho e Lucas pelas demonstrações de orgulho que muito me incentivaram nessa jornada.

A minha sogra, Maria Aparecida, pelo apoio, pela dedicação e abnegação a minhas filhas, tornando as minhas ausências suportáveis para elas e serenas para mim. Obrigada por tudo!

À Deyse e ao Gustavo Manghi pelo apoio e acolhida no Recife. Sou muito grata aos dois!

A minha amiga Abigail, por acreditar em mim muito mais do que eu mesma. Você faz parte dessa conquista.

Ao Ednaldo, pela amizade sincera e apoio nos momentos de dúvidas.

Ao querido Jhon, exemplo de amigo dedicado, sempre disposto a compartilhar o saber acadêmico. Você é valioso!

Ao Professor Mestre Antonio Lima, do Instituto Federal de Alagoas, pelos momentos de conhecimento e pela compreensão durante o meu estágio docente.

Ao Sérgio, a Nicéas, a Nélia e a Eliene, pela presteza no atendimento e pela atenção que sempre me dispensaram.

Em especial à minha orientadora, Professora Dra. Isabela do Rêgo Barros, a voz calma e reconfortante que acreditou na minha capacidade e me guiou por um mundo encantador e cheio de sentidos. Muito obrigada por tudo!

À Professora Dra. Roberta Caiado, Coordenadora do curso, pela forma carinhosa e respeitosa com que atende a todos, sempre com um sorriso largo no rosto, que nos conforta e acalma.

À Professora Dra. Nadia Azevedo por ter aceitado fazer parte da banca examinadora e pelas valiosas contribuições a este trabalho.

Ao Professor Dr. Temístocles Ferreira por ter aceitado fazer parte da banca examinadora e pelo enriquecimento da minha pesquisa através de suas observações e análises.

Aos professores do Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem da UNICAP pelas contribuições teóricas que muito enriqueceram este trabalho.

Ao Instituto Federal de Alagoas (IFAL), através da Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI) pelo apoio financeiro necessário à realização desta pesquisa.

“Ai, palavras, ai palavras,
que estranha potência, a vossa!

Ai, palavras, ai palavras,
sois o vento, ides no vento,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!
Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova!

Ai, palavras, ai palavras,
que estranha potência, a vossa!

Todo o sentido da vida
principia à vossa porta”

(...)

Cecília Meireles

RESUMO

Este trabalho, de natureza qualitativa, de cunho exploratório, baseado em estudo de caso, tem por objetivo analisar a dêixis no processo de construção de sentidos em comentários alusivos ao Nordeste em sites esportivos. Apóia-se na perspectiva enunciativa da linguagem e tem como base a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste. Para tanto, analisamos seis comentários que fazem alusão ao Nordeste, veiculados em sites esportivos, observando como os elementos dêiticos, em seus níveis pessoal, espacial e temporal contribuem para a representação da subjetividade na linguagem, visto que esses elementos são interpretados com referência à situação enunciativa e referem-se a algo exclusivamente linguístico, não remetendo a um objeto ou conceito específico. Faz-se relevante destacar que Benveniste deteve-se em uma vertente de análise da língua em uso, em ação, em sua dimensão enunciativa, e essa peculiaridade direcionou nosso olhar para as implicações dessa concepção linguística no ensino da Língua Portuguesa, na qual o texto assume um papel ativo de construção de sentidos, necessitando da interação de seus interlocutores. Nesse entendimento, a concepção benvenistiana do estudo da língua implica estabelecer uma relação que justifique o uso ou a escolha de determinadas palavras assumidas no discurso por um sujeito, revelando, em seu aspecto semântico o estabelecimento da relação dos signos com as condições de um enunciado, que determina a significação em função de oposições instituídas no interior do sistema linguístico e exterior a ele. Benveniste destaca a dêixis (pessoal, espacial e temporal) como marca explícita da relação do sujeito com o enunciado, evidenciando que esses elementos referem-se à realidade do discurso e só podem ser identificados em termos de locução, envolvendo, assim, as relações de subjetividade que compreendem locutor e um alocutário por ele instituído. A análise dos dados revelou que o sentido de um enunciado se dá pela possibilidade das escolhas sintagmáticas agenciadas por um locutor que se apropria da língua e enuncia a sua posição de sujeito ao declarar-se “eu” e instaurar um “tu” em um determinado espaço e tempo discursivo. O entendimento enunciativo dessas marcas nos comentários analisados proporciona uma reflexão sobre a língua em uso e a sua mediação, possibilitando modos de se conceber a linguagem e suas implicações metodológicas no ensino da Língua Portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação. Dêixis. Sentido. Benveniste.

ABSTRACT

This work, of qualitative nature, exploratory measures, based on study of case aims to analyze the dêixis in the construction of meaning in comments alluding to the Northeast on sports sites. It is based on the enunciative perspective of language supported on the theory of Enunciation of Émile Benveniste. To this aim, we examined six comments that allude to the Northeast, running sports sites, watching as the dêiticos elements, in their personal, spatial and temporal levels contribute to the representation of subjectivity in the language, since these elements are interpreted with reference to the situation may include and refer to anything linguistic, not exclusively referring to an object or concept. It is relevant to highlight that Benveniste focussed on a strand of analysis of language in use, in action, in his example, dimension and this peculiarity directed our attention to the implications of this design language in the teaching of Portuguese Language, in which the text assumes an active role of building directions, requiring the interaction of their interlocutors. In this understanding, the design of Benveniste about the study of the language implies a relationship that justifies the use of, or the choice of certain words in speech by a guy, revealing, in your semantic aspect the establishment of the relationship of the signs with the conditions of an utterance, that determines the meaning in the light of oppositions imposed within the linguistic system and outside it. Benveniste stresses the dêixis (personal, spatial and temporal) as explicit brand relative to the subject with the statement, highlighting that these elements relate to the reality of speech and can only be identified in terms of locution, involving the relations of subjectivity that comprise locutor and a alocutario stabilished for him. The analysis of the data revealed that the meaning of an utterance is given by the possibility of sintagmatics choices made by a locutor that appropriates the language and sets out its position of subject when self declares "I" and set up a "you" in a given discursive space and time. Understanding the actions of these brands in the comments analyzed provides a reflection on the language in use and its mediation, providing ways to conceive the language and its methodological implications in the teaching of Portuguese Language.

KEYWORDS: Enunciation. Deixis. Meaning. Benveniste

LISTA DE QUADRO E TABELAS

Quadro 01: Correlação de personalidade/correlação de subjetividade.....	41
Quadro 02: Panorama das dêixis analisadas.....	83
Tabela 01: Esquema representativo das relações distribucionais e relações integrativas	33

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Adaptação do esquema apresentado por Saussure.....	23
Figura 02: Adaptação do esquema apresentado por Saussure.....	25

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CONTRIBUIÇÕES SAUSSURIANA À LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO: DO SIGNO AO SUJEITO	18
1.1. Saussure – o homem dos fundamentos.....	18
1.2. Benveniste – o linguista da enunciação.....	26
1.2.1. A noção de sentido na concepção benvenistiana.....	30
2. A TEORIA DA ENUNCIÇÃO DE ÉMILE BENVENISTE	37
2.1. A (inter)subjetividade na linguagem e a emergência do sentido na teoria benvenistiana	38
2.2. O aparelho formal da enunciação.....	45
2.3. Da dêixis aos índices/indicadores de subjetividade.....	49
3. O COMENTÁRIO SOB UM VIÉS ENUNCIATIVO: AS MARCAS DO SUJEITO E DO E NO DISCURSO	54
3.1. Texto e enunciado no ensino de Língua Portuguesa no Brasil.....	54
3.2. O exercício da linguagem e a construção do sentido em comentários.....	57
3.3. As categorias de pessoa, espaço e tempo na realidade do discurso..	59
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	63
4.1. Abordagem da pesquisa.....	63
4.2. A constituição do corpus.....	64
4.3. Contexto enunciativo dos comentários analisados.....	66
5. ANÁLISE ENUNCITIVA DOS COMENTÁRIOS	68
5.1. Análise do Comentário 1.....	69
5.2. Análise do Comentário 2.....	72
5.3. Análise do Comentário 3.....	75
5.4. Análise do Comentário 4.....	77
5.5. Análise do Comentário 5.....	79
5.6. Análise do Comentário 6.....	81
5.7. Panorama das dêixis investigadas.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	88
ANEXOS	91

INTRODUÇÃO

A compreensão que temos sobre linguagem resulta de uma diversidade de interpretações e definições construídas ao longo da história da humanidade. Na antiguidade, com os hindus associando os estudos da linguagem ao estudo do certo e errado e na Grécia antiga, por meio da Filosofia, destacando-se Platão, com o Diálogo do Crátilo (1988), no qual o filósofo faz a relação entre linguagem e conhecimento e evidencia a adequação ou não do nome à coisa dita, da palavra à ideia. Nesse caso, o pensador concebe a linguagem como um meio, um instrumento que, no entanto, não seria capaz de traduzir o mundo inteligível, citando como exemplos os nomes pensados como imitação da realidade que trariam significados ambíguos, o que comprometeria, dessa forma, a possibilidade plena do conhecimento. Já Aristóteles, em sua obra A Política (2008), relaciona fala e linguagem e classifica esta como uma condição humana, fazendo parte da sua natureza, pois, segundo ele, o homem é um animal político e, dentre todos os animais, o único dotado de linguagem. Dessa forma, segundo ele, sem linguagem não haveria sociedade política.

Para Saussure, a quem devemos todo o conhecimento sobre linguagem produzido no século XX (CÂMARA JÚNIOR, 2013), “a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence, além disso, ao domínio individual e ao domínio social”. (SAUSSURE, 2012, p. 41). Dessa forma, na compreensão saussuriana a linguagem é algo abstrato, que não pode ser definido de uma forma inteligível. Para o teórico, a melhor forma de tratar a linguagem em seus estudos seria caracterizando e opondo entre si seus elementos constituintes, dentre eles a *fala*: individual, heterogênea e multifacetada, e a *língua*: a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, e essa separação deu origem a um dos pares mais discutidos da linguística saussuriana.

Estabelecida essa dialética, Saussure elege a língua como objeto de estudos da Linguística, pois, segundo ele, a língua se apresenta como um sistema de signos, um sistema de convenções, agregando, portanto, as características suficientes e necessárias para se constituir como tal. Dessa afirmação decorre uma de suas principais proposições: a natureza do signo linguístico, na qual o signo é arbitrário, e comporta a união de uma forma significante e uma forma significada. Nesse sentido,

não há relação lógica entre uma determinada palavra e o que ela representa. Como nos afirma o próprio linguista,

De um lado, o conceito nos aparece como a contraparte da imagem auditiva no interior do signo, e, de outro, este mesmo signo, isto é, a relação que une seus dois elementos, é também, e de igual modo, a contraparte dos outros signos da língua. [...] A língua [é] um sistema em que os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros (SAUSSURE, 2012, p. 161 [Acréscimo nosso]).

A concepção de língua forjada por Ferdinand de Saussure compreende um conjunto de signos bem organizados, formando um todo significativo, em que cada elemento só adquire valor a partir da sua relação com os seus pares. Essa visão sistêmica implica uma leitura estruturalista a essa nova concepção linguística, fornecendo elementos teóricos que, posteriormente, inspiraram o movimento estruturalista. Na visão de Mattoso Câmara, o estruturalismo¹

[...] é uma nova forma de encarar os fenômenos [linguísticos] porque faz com que a significação dependa, completa e exclusivamente, das suas relações íntimas e liberta esta concepção de outros postulados, falsos ou unilaterais, que tinham sido explicitamente enunciados e através dos quais se devia deduzir a existência de relações vagas e indistintas. (CAMARA JR, 2013, p. 134 [Acréscimo nosso]).

Nessa concepção, Saussure assinala a importância da arbitrariedade do signo linguístico, mas, supostamente, exclui de seus estudos o contexto exterior, a sua relação com o mundo. Dessa forma, o modelo de significação por ele proposto não enfatiza o sujeito, propondo a língua como “um sistema que conhece somente sua ordem própria” (SAUSSURE, 2012, p. 55), estabelecendo, então o princípio da imanência.

Émile Benveniste, linguista pós-saussuriano, considera Saussure o homem dos fundamentos (BENVENISTE, 2005) e, nesse sentido, revisita os conceitos do mestre genebrino, detendo-se, sobretudo na questão da significação, pois, segundo ele,

[...] antes de qualquer coisa a linguagem significa, tal é seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano. [...] bem antes de comunicar a linguagem serve para viver (BENVENISTE, 2006, p. 222).

¹ É importante salientar que ao utilizar o termo “estrutura” durante o Curso, Saussure tinha como noção central a ideia de sistema. (NORMAND, 2009).

Faz-se relevante destacar que Benveniste deteve-se em uma vertente de análise da língua em uso, em ação, em sua dimensão enunciativa, já que para ele “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82).

Nessa perspectiva, a análise linguística é responsável por estabelecer um pensamento diferenciado sobre a linguagem, onde se permite uma investigação acerca da mesma de forma bem particular - em funcionamento, pois, para Benveniste (2006) é apenas em um contexto de uso, enunciativo, que há possibilidade de apreender o entendimento a respeito do “homem na língua”².

Para Benveniste (2006) a língua significa em dois aspectos distintos, porém complementares, visto que um não anula o outro, um relacionado ao sistema abstrato de formas linguísticas (semiótico), semelhante ao que propõe Saussure, e o outro relacionado ao seu uso em determinado momento de enunciação (semântico).

Ela [a língua] é investida de uma DUPLA SIGNIFICÂNCIA. Trata-se propriamente de um modelo sem analogia. A língua combina dois modos distintos de significância, que denominamos modo SEMIÓTICO por um lado, e modo SEMÂNTICO, por outro (BENVENISTE, 2006, p. 64 [Acréscimo nosso]).

Verifica-se, por conseguinte, que no aspecto semiótico, é a relação entre signos no interior de um sistema linguístico que se torna evidente, pois,

[...] cada signo entra numa rede de relações e de oposições com os outros signos que o definem, que o delimitam no interior da língua. Quem diz “semiótico” diz “intralinguístico”. Cada signo tem de próprio o que o distingue dos outros signos. Ser distintivo e ser significativo é a mesma coisa (BENVENISTE, 2006, p. 227-228).

Nas palavras de Merleau-Ponty “(...) os signos, um por um, nada significam” (apud DOSSE, 2007, p. 74). É a sua relação dentro de um sistema que os torna significativos.

No aspecto semântico, o que se evidencia é o estabelecimento da relação dos signos com as condições de um enunciado, que determina a significação em função de oposições instituídas no interior do sistema linguístico e exterior a ele, como esclarece o próprio Benveniste (2006),

² Esse é um dos axiomas da teoria de Benveniste.

[...] vemos desta vez na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transitando a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens (p. 229).

Entende-se, assim, que, em um determinado enunciado, existem signos linguísticos que são assumidos pelo usuário da língua para exercer essa dupla função, significando em nível semiótico e em nível semântico. Visto que é

Sobre este fundamento semiótico, [que] a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação do intentado, produzida pela sintagmatização das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo. (BENVENISTE, 2006, p. 234 [Acréscimo nosso]).

O aprofundamento na teoria³ da enunciação direcionou nosso olhar para as suas implicações no ensino da Língua Portuguesa no Brasil, visto que os princípios orientadores de ensino dessa disciplina passam por um processo de questionamento e revisão, no qual se propõe reconceitualizar objetos de ensino, juntamente com pressupostos e procedimentos didáticos, superando a perspectiva do ensino de gramática descontextualizada, a partir de frases soltas, tomando o texto como referência (PCN, 2000). Nesse sentido, pensamos ser possível a aplicabilidade da teoria da enunciação no ensino da Língua Portuguesa, possibilitando ao estudante perceber as marcas do homem na língua, reconhecendo o texto como um processo ativo de construção de sentidos, necessitando da interação de seus interlocutores.

É nessa perspectiva que esse trabalho se insere, pois busca analisar a dêixis no processo de construção de sentido e do texto. Desse modo, para realizarmos nosso propósito escolhemos o comentário veiculado em sites esportivos, como sendo o suporte textual para nossas análises, tendo como base a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste (2005; 2006), possibilitando modos de se conceber a linguagem e suas implicações metodológicas no ensino da Língua Portuguesa.

Dessa forma, o objeto de estudo desta pesquisa é a dêixis como promotora de sentidos em um determinado enunciado, visto que na concepção benvenistiana esses elementos articulam um conjunto de referências implicadas em um ato discursivo, considerando os níveis pessoais, espaciais e temporais, assumidos por

³ “[...] a expressão *teoria da enunciação* não é usada por Benveniste. [...] é mais uma dedução feita, a posteriori, pelos leitores dos artigos reunidos em PLG I e PLG II do que um propósito explícito de Benveniste” (FLORES, 2013, p. 28).

um sujeito e mobilizados em uma enunciação em função de dar significância a algo, pois “cada instância de emprego de um nome refere-se a uma noção constante e ‘objetiva’, apta a permanecer virtual ou a atualizar-se num objeto singular, e que permanece sempre idêntica na representação que desperta” (BENVENISTE, 2005, p. 278).

A ênfase na Teoria da Enunciação⁴ de Émile Benveniste para a análise da construção de sentido nos textos indicará como o locutor, assumindo os dêiticos no discurso, e instituindo um “tu” como seu alocutário, vinculará “seu enunciado ao seu próprio dizer” (LAHUD, 1979, p. 114), contribuindo, dessa forma, para uma concepção de língua, linguagem e sujeito que podem ser tomadas como fundamentação na definição de metodologias de ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa.

As investigações no campo da teoria da enunciação, com foco na semântica da enunciação, têm resultado em inúmeras produções científicas e pesquisas nessa área. No entanto, o interesse pelo tema surgiu a partir da nossa prática como docente e pelo interesse acadêmico na análise semântica de textos.

Assim, tem-se como pressuposto que os comentários alusivos ao Nordeste, veiculados em sites esportivos, possuem marcas linguísticas que auxiliam na construção de sentidos, evidenciando um sujeito que institui um “tu” por meio de encadeamentos sintáticos que nos permitem, ainda, delimitar o tempo e o espaço inerentes a esse discurso, visto que “A língua permite a produção indefinida de mensagens em variedades ilimitadas” (BENVENISTE, 2006, p. 99), possibilitando, desse modo, formas de se conceber a linguagem e suas implicações metodológicas no ensino da Língua Portuguesa.

Para contemplar nosso propósito, organizamos este estudo em cinco capítulos assim estruturados: o primeiro discute as contribuições saussurianas à Linguística da Enunciação, pois não podemos conceber a teoria enunciativa de Émile Benveniste como uma criação independente, mas como um processo de continuidade. Dessa forma, ressaltamos as contribuições do pensamento saussuriano para a elaboração do esquema teórico sobre a significância na linguagem defendido por Émile Benveniste, enfatizando as relações possíveis de um

⁴ Segundo Flores (2013), a expressão “Teoria da Enunciação” não consta da obra de Benveniste, a mesma decorre de “uma dedução feita, a *posteriori*, pelos leitores dos artigos reunidos em PLG I e II do que propriamente um propósito explícito de Benveniste”(FLORES, 2013, p. 28).

pensamento embrionário na teoria saussuriana sobre o sentido e a referência e a sua implicação na concepção da dêixis na instauração do sentido no enunciado.

No segundo capítulo, destacamos a teoria que dá embasamento teórico ao nosso estudo, a Teoria da Enunciação na perspectiva de Émile Benveniste. Para tanto, consideramos os textos “Da subjetividade na linguagem” de 1958 e “A Natureza dos pronomes” de 1956, além de “O aparelho formal da enunciação” de 1970. Ressaltamos as relações entre a (inter)subjetividade na linguagem e o sentido, visto que a perspectiva de entendimento de língua/linguagem em Benveniste presume esta sob a ação do homem, assumindo características dialógicas, na qual um locutor se propõe como sujeito e implanta diante de si o outro, exigindo uma resposta e tornando possível a comunicação humana. Em seguida enfocamos a dêixis como fundamento da representação da subjetividade na linguagem, como forma linguística que propicia ao sujeito que se singularize e transmita a ideia do seu dizer, situando o seu enunciado em relação a um tempo, um espaço, aos sujeitos e ao contexto discursivo, estabelecendo as categorias de pessoa, tempo e espaço.

Apresentamos ainda, o Aparelho formal da enunciação, um conceito inovador no campo linguístico, responsável por instaurar o quadro formal da enunciação: “eu/tu-aqui-agora”, disponibilizando formas linguísticas para que o locutor, apropriando-se delas atualize o sistema linguístico e se individualize, constituindo-se sujeito “na e pela linguagem” à medida que expressa suas ideias pelo agenciamento de palavras que afeta todo o sistema linguístico.

No terceiro capítulo, discutimos o comentário como um ato enunciativo, que é único e não pode ser confundido com o texto do enunciado, visto que “este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta” (BENVENISTE 2006, p. 82). Nesse sentido, também caracterizamos o comentário como um enunciado de retorno, pois o locutor(eu) interage simultaneamente com a matéria veiculada pelo site e com os leitores-locutores daquele espaço, posto que estes também se enunciam. Refletimos também acerca do texto sob um viés enunciativo, o que nos possibilita uma análise sobre a língua em uso e a sua função mediadora, oportunizando modos de se conceber a linguagem e suas implicações metodológicas no ensino da Língua Portuguesa e, por fim, apresentamos as categorias de pessoa, espaço e tempo como marcas explícitas da relação do sujeito

com o enunciado, evidenciando que esses elementos referem-se à realidade do discurso e só podem ser identificados em termos de locução.

No quarto capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados com vistas a atingir os objetivos propostos, ressaltando a abordagem de natureza qualitativa, de cunho exploratório, baseada em estudos de casos. Apresentamos também como se deu o processo de constituição do *corpus* que culminou na seleção dos seis comentários analisados neste estudo. Além disso, retratamos o contexto enunciativo dos comentários analisados.

O quinto e último capítulo é destinado à análise dos comentários que constituem o *corpus* desta pesquisa e a discussão dos resultados. A análise foi realizada com base em Benveniste (2005; 2006), ressaltando o processo da construção de sentidos com o uso dos dêiticos pessoais, espaciais e temporais.

Por fim, são realizadas as considerações finais, apresentando a relevância do estudo, a contribuição da Teoria Enunciativa de Émile Benveniste em análises semântico-enunciativas e as suas perspectivas no ensino da Língua Portuguesa, bem como as possibilidades de aprofundamento para as próximas pesquisas.

1 CONTRIBUIÇÕES SAUSSURIANAS À LINGÜÍSTICA DA ENUNCIÇÃO: DO SIGNO AO SUJEITO

Propomo-nos, neste capítulo, considerando o caráter inacabado da obra⁵ póstuma de Saussure e a leitura peculiar dessa obra realizada por Benveniste, analisar as contribuições do pensamento saussuriano para a elaboração do esquema teórico sobre a significância na linguagem defendido por Émile Benveniste.

Optamos por enfatizar afinidades e diferenças resultantes da teoria saussuriana e fundantes e/ou fundamentais da Teoria da Enunciação benvenistiana. Há a certeza de que muitas reflexões não serão contempladas, sobretudo pela complexidade de uma Teoria Linguística que se sobrepõe a outra, mesmo considerando os aspectos de continuidade destacados. Dessa forma, para o desenvolvimento deste estudo, a reflexão aqui realizada pode contribuir para o amadurecimento do diálogo que se faz necessário entre Saussure e Benveniste.

1.1 Saussure – o homem dos fundamentos

O Curso de Linguística Geral (1916) expõe um Saussure cujo pensamento movediço e oscilante revela uma profusão de concepções inovadoras e provoca, de certo modo, o uso de uma terminologia instável, gerando contradições e revelando suas incertezas ao expor as suas concepções epistemológicas sobre língua e linguagem. Como ele mesmo confia a L. Gautier,

Vejo-me diante de um dilema: ou expor o assunto em toda a sua complexidade e confessar todas as minhas dúvidas, o que não pode convir para um curso que deve ser matéria de exame, ou fazer algo simplificado, mais bem adaptado a um auditório de estudantes que não são linguistas. Mas a cada passo me vejo retido por escúpulo. (SAUSSURE, 2012, p. 15)

No entanto, para além de um Saussure que elabora seu pensamento de forma tão sofrível, sobrepõe-se a importância de seus estudos para a consolidação da Linguística Moderna ao delimitar o seu objeto de estudo e dotar os linguistas de um método de análise para esse objeto. Nesse sentido, é importante evocar Benveniste (2005) quando nos lembra de que “o drama de Saussure transformaria a linguística” (p. 41) e ainda, que “não há um só linguista hoje que não lhe deva algo.

⁵ A obra se refere ao Curso de Linguística Geral (1916)

Não há uma só teoria geral que não mencione seu nome” (BENVENISTE, 2005, p. 34).

A perseguição por uma ciência autônoma, que detivesse o próprio objeto de estudo e, por conseguinte, seu método de análise, leva Saussure ao campo da língua, pois somente ela “parece suscetível duma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito” (SAUSSURE, 2012, p. 41). É importante salientar que em francês os termos que designam língua e linguagem são praticamente sinônimos (BOUISSAC, 2012), sendo necessária, portanto, uma definição mais acurada sobre essa distinção.

Como vimos anteriormente, a linguagem, por seu caráter heterogêneo, não comportava um método eficaz de análise, pois, para Saussure, ela [a linguagem] é

[...] multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. (SAUSSURE, 2012, p. 41).

Essa definição sobre o fenômeno linguístico impressiona pela multiplicidade de eventos perceptíveis em sua totalidade. Nesse momento, é bom lembrar o pesquisador metódico que empregava em seus estudos conceitos positivistas de ciência, sistematizando objetivamente suas teorias e, naturalmente, a linguagem não poderia ser tomada como objeto de estudo da linguística. Nesse sentido, Saussure apresenta uma abordagem dialética da linguagem, que é exposta no Curso da seguinte forma:

Evitando estéreis definições de termos, distinguimos primeiramente, no seio do fenômeno total que representa a linguagem, dois fatores: **a língua e a fala**. A língua é para nós, a linguagem menos a fala. É o conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender. (SAUSSURE, 2012, p. 117 [Grifos nossos]).

A complexidade desse pensamento revela a especificidade da ciência da linguagem perante outras ciências, as quais definem seus objetos previamente e os consideram posteriormente sob outros aspectos. Na linguística, “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2012, p. 39). Dessa forma, Saussure assegura o caráter elementar para o desenvolvimento de uma ciência autônoma definindo a *língua* como seu objeto de estudo, pois para ele “A língua [...] é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da

linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não presta a nenhuma outra classificação” (SAUSSURE, 2012, p. 41).

Saussure concebe a língua (*langue*) como um fenômeno social e a define como um sistema de signos, ou seja, um conjunto de unidades que se correlacionam coordenadamente dentro de um todo e, como instituição social, a língua "não está completa em nenhum [indivíduo], e só na massa ela existe de modo completo" (SAUSSURE, 2012, p. 45 [Acréscimo nosso]). Por sua vez, a fala (*parole*), outro aspecto da linguagem, constitui-se em atos individuais e, por isso, torna-se imprevisível, múltipla e mutável, o que impossibilita a sua análise como um sistema, implicando a necessidade de uma linguística da língua e uma linguística da fala, pois, segundo ele, “cumprir escolher entre dois caminhos impossíveis de trilhar ao mesmo tempo; devem ser seguidos separadamente” (SAUSSURE, 2012, p. 52).

No entanto, Saussure observa o inter-relacionamento entre esses dois elementos, “sendo impossível conceber um sem o outro” (SAUSSURE, 2012, p. 40), evidenciando que

[...] esses dois objetos [língua e fala] estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça. (SAUSSURE, 2012, p. 51 [Acréscimo nosso]).

Percebe-se, dessa forma, a intrincada relação de interdependência entre língua e fala, o que nos leva a inferir que a “escolha” saussuriana pela língua em detrimento à fala decorre tão somente da necessidade de um “corte epistemológico” efetivado no interior dos estudos da linguagem para lhe conferir o caráter de ciência autônoma. Vale salientar que uma das muitas críticas à teoria saussuriana se dá em função desta “escolha”, na qual Saussure, supostamente, teria excluído a fala e, conseqüentemente, o sujeito da sua teoria linguística. A respeito desses argumentos, evidenciamos que Saussure reconhecia que havia, ainda, muito a ser feito em relação à fala, segundo Bouissac (2012, p. 147), Saussure “planejava dedicar a última parte do seu curso ao tópico que trataria da língua em uso”, no entanto, sua morte prematura torna esse aspecto de seu pensamento inacabado, sendo, posteriormente retomado por outros linguistas pós-saussurianos, como veremos no decorrer deste estudo ao tratarmos de Émile Benveniste e a sua linguística da enunciação.

Segundo Normand (2009), são muitas as passagens no CLG que apresentam os vários motivos para a escolha da língua como objeto de estudo da linguística, evidenciando que a língua tem definição autônoma; é vista como um sistema; é norma para todas as manifestações da linguagem e é de natureza concreta. No bojo dessas definições, a língua como um sistema de signos se sobressai, sendo sistema a palavra que mais aparece no Curso para defini-la, pois, para Saussure a língua é “um sistema que conhece apenas sua própria ordem” (SAUSSURE, 2012, p. 55) e ainda, “um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica” (SAUSSURE, 2012, p. 128).

A essa noção nuclear da teoria saussuriana, na qual a língua se constitui um sistema de signos, funda-se o princípio da imanência, no qual a língua só reconhece sua ordem própria e, com isso, mais uma vez Saussure é visto como o censor, aquele que em benefício de uma nova ciência exclui a história da ordem da língua. Vale salientar que a recepção saussuriana ao longo do tempo não tem sido hegemônica, com a publicação dos primeiros manuscritos, por Robert Godel, em 1957, e releituras de seu Curso por linguistas pós-saussuriano, muitas avaliações pejorativas sobre Saussure têm caído por terra, tornando cada vez mais evidente o seu legado como fundador de uma ciência que abre campos de pesquisa em seus diversos postulados.

Ao estabelecer a língua como um sistema de signos, Saussure dota o linguista de um método de estudo sobre a estrutura da língua – o estruturalismo. No século XX o estruturalismo tornou-se tendência, influenciando diversas áreas de estudo. Para Barthes, o estruturalismo

[...] é essencialmente uma atividade. O objetivo de toda a atividade estruturalista é reconstruir um objeto, de modo a manifestar nessa reconstituição as regras de funcionamento desse objeto. A estrutura é, pois, de fato, um simulacro do objeto (BARTHES apud DOSSE, 2007, v. 1, p. 277).

Nesse sentido, Ramazini (1990) diz que

O mérito de Saussure consiste em lançar as bases para a compreensão do conceito de estrutura, palavra-chave para o desenvolvimento do pensamento linguístico e das ciências sociais, a partir da década de 40 [1940]. A ideia difundiu-se a ponto de constituir o fulcro da tendência conhecida por Estruturalismo” (p. 25, [Acréscimo nosso]).

Faz-se necessário salientar que a palavra “estruturalismo” não foi utilizada por Saussure no CLG e sim a palavra “sistema” e, mesmo quando Saussure se utilizava

do termo “estrutura” é a noção de “sistema” que está implícita. Foi Roman Jakobson quem difundiu o termo “estruturalismo”, já transformado em conceito, tornando-o onipresente em todas as ciências da linguagem e sociais. (NORMAND, 2009).

No entanto, o mérito de Saussure, pelo que vimos até o momento, não repousa apenas na fundamentação do estruturalismo, são muitos os ecos que seu fazer científico propagou e propaga até a atualidade, dentre eles o de prever o nascimento de uma nova ciência, a “Semiologia” da qual, segundo ele, a Linguística seria apenas uma parte. Como salienta Benveniste (2006), “uma das teses mais importantes de Saussure é que a língua é um dos ramos de uma semiologia geral” (p. 225). Essa nova ciência seria a responsável por estudar “a vida dos signos no seio da sociedade” (SAUSSURE, 2012, p. 47). A semiologia esperou cerca de meio século para se estabelecer, sendo designada “semiótica” nos estudos de Greimas e “semiologia” para Roland Barthes.

A esse respeito, Barthes (2006) esclarece que a Linguística não se constitui uma parte da Semiologia, visto que, para ele, a linguagem se estabelece como um sistema de signos de maior amplitude e, dessa forma, “[...] perceber o que significa uma substância é, fatalmente, recorrer ao recorte da língua: sentido só existe quando denominado, e o mundo dos significados não é outro senão o da linguagem”. (BARTHES, 2006, p. 12).

O signo linguístico é apresentado por Saussure como a união de um conceito e uma imagem acústica sendo, portanto, uma unidade significativa e distintiva de dupla face. (SAUSSURE, 2012, p. 106). Essa compreensão se constitui fator essencial para a sustentação da teoria saussuriana, na qual a imagem acústica não se trata de algo material, mas da “impressão (*empreint*) psíquica do som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos” (SAUSSURE, 2012, p. 106), ou seja, trata-se da sequência fônica que pode desencadear o segundo elemento constituinte do signo, o conceito ou ideia, ou seja, um fenômeno “psico-semiológico”.

Posteriormente, Saussure designou os termos “imagem acústica” e “conceito” por significante e significado, respectivamente, acreditando que essas palavras facilitavam a compreensão do signo como unidade constituinte de elementos, ao mesmo tempo opostos e complementares de um todo, pois, segundo ele “esses dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição, que os separa, quer entre si,

quer do total de que fazem parte” (SAUSSURE, 2012, p. 107). Como podemos observar no esquema abaixo:

Significante (Sequência fônica)	g-r-a-m-a	g-r-a-n-a
Significado (Ideia)	Ideia de grama	Ideia de grana

Figura 01: adaptação da autora do esquema apresentado por Saussure (2012, p.107)

O signo é, pois, um conjunto de relações mentais, à imagem acústica relaciona-se, na mente do indivíduo, a uma ideia, e essa relação não pode ser pré-determinada, o que torna a união entre significado e significante arbitrária, ou seja, não há uma relação direta que possa unir esses dois elementos, pois, segundo Saussure, esse laço é meramente convencional, prescindindo do que é exterior à língua para existir. Logo, para ele, a língua é um sistema autossuficiente que, por si só dá conta da significação.

No entanto, Saussure esclarece que a arbitrariedade do signo linguístico

Não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (ver-se-á, mais adiante, que não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez esteja ele estabelecido num grupo linguístico); queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao seu significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. (SAUSSURE, 2012, p. 109).

A arbitrariedade, ou o caráter imotivado do significante, é demonstrada por Saussure didaticamente quando o linguista compara as diversas línguas, apresentando as diferenças existentes nessa relação, como ele mesmo explica no trecho abaixo:

Assim, a ideia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa *boeuf* (“boi”) tem por significante *b-ô-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* (*Ochs*) do outro. (SAUSSURE, 2012, p. 108)

Alguns fatores concorrentes a essa concepção são evidenciadas pelo mestre genebrino, a exemplo das onomatopeias e das exclamações. Esses elementos, aparentemente, teriam uma ligação natural entre o seu significado e o seu

significante o que, obviamente, desconstruiria a sua tese. Nesse sentido, Saussure esclarece que as onomatopeias autênticas “(aquelas do tipo glu-glu, tic-tac etc,) não apenas são pouco numerosas, mas sua escolha é já, em certa medida, arbitrária, pois que não passam de imitação aproximativa e já meio convencional de certos ruídos” (SAUSSURE, 2012, p. 109). Quanto às exclamações, o linguista afirma que estas são “bastante próximas das onomatopeias” (SAUSSURE, 2012, p. 109), e que para comprovar seu caráter arbitrário “basta comparar duas línguas, sob esse aspecto, para ver o quanto tais expressões variam de uma língua para outra língua (por exemplo, ao francês aie! Corresponde em alemão au! E em português ai!)” (SAUSSURE, 2012, p. 110).

Para Saussure o princípio da arbitrariedade do signo é de fundamental importância para a análise linguística (SAUSSURE, 2012, p. 108) e, nesse sentido, o mestre lança mão da metáfora da folha de papel para assegurar a sua compreensão, na qual “o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som” (SAUSSURE, 2012, p. 159).

A arbitrariedade do signo traz consigo, implicitamente, a noção de valor linguístico, uma vez que este se estabelece na coletividade e sua razão de ser encontra-se “no uso e no consenso geral” (SAUSSURE, 2012, p. 160), constituindo-se, dessa forma, em um elemento da significação que não se confunde com esta. Vejamos com mais detalhes esta distinção elaborada por Saussure.

Segundo o linguista, a significação está intrínseca na relação significado e significante, ou seja, ela se encerra no próprio signo linguístico, “ela não é [...] mais que a contraparte da imagem auditiva” (SAUSSURE, 2012, p. 161) e está circunscrita “nos limites da palavra considerada um domínio fechado existente por si próprio” (SAUSSURE, 2012, p. 161). No entanto, a noção de valor permeia não só a relação significado e significante, como também a relação do signo com os outros signos da língua, ou seja, a noção de valor é, sobretudo, diferencial, pois um signo se estabelece pelo que ele não é de outro signo. Saussure diz que “Se as palavras estivessem encarregadas de representar os conceitos dados de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para a outra, correspondentes exatos para o **sentido**; mas não ocorre assim” (SAUSSURE, 2012, p. 163 [Grifo nosso]). Observe que nesse caso, Saussure utiliza os termos sentido e valor como sinônimos, portanto, a

noção saussuriana de valor linguístico/sentido pressupõe um dinamismo na linguagem, visto que o valor se constitui em movimentos opostos e complementares intrasigno e movimentos diferenciais no interior do sistema linguístico, ou seja, de forma vertical, entre os seus componentes (significado e significante) e horizontal, em relação aos demais signos. Esse dinamismo suscitado por Saussure é representado por meio das setas no esquema abaixo:

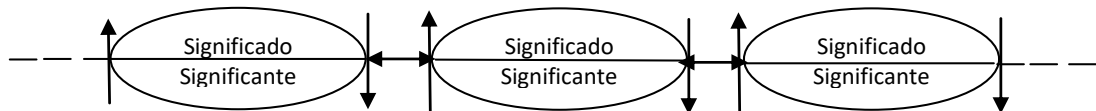


Figura 02: adaptação da autora do esquema apresentado por Saussure (2012, p. 161)

O próprio linguista demonstra esse dinamismo da língua ao fazer a comparação do valor linguístico a um valor monetário. Segundo ele, para determinar o valor de uma moeda de cinco francos, pode-se trocá-la por algo diferente, pão, ou compará-la com algo semelhante, outra moeda, dólar, por exemplo. (SAUSSURE, 2012, p. 162). Dessa forma, o valor linguístico/sentido de um signo não será determinado enquanto houver possibilidade de se comprovar que ele pode ser trocado e comparado a outro signo pertencente ao sistema, tornando-o dinâmico, contínuo e relativo.

Nesse sentido, e a despeito da recepção saussuriana que, ao tempo em que confere a Saussure todo o mérito pela consolidação da Linguística Moderna, não o dissocia da imagem do “censor”, como bem destaca Guimarães (2005), “O corte saussuriano é a ‘culminância’ bem sucedida teoricamente de uma história de exclusão do mundo, do sujeito, por tratar a linguagem como um percurso só interno [...]”. (p. 19-20), faz-se necessário salientar que a noção de signo conduz à questão dos valores do sistema linguístico e, conseqüentemente, ao sujeito, visto que o signo só existe em funcionamento, ou seja, apenas por meio de um sujeito que o emprega, como sinaliza Normand (2009), “[...] o indivíduo está sempre presente: ao mesmo tempo passivo (a língua lhe é imposta, ‘depositada’ em seu cérebro) e ativo (ele interpreta as formas, recriando-as a cada emprego)” (p. 133-134).

Provavelmente a questão seja muito mais terminológica indivíduo/sujeito/referente, que epistemológica. No entanto, nesse momento, o aprofundamento demandaria esforço teórico não compatível com a proposta desse estudo. Queremos apenas expor uma nova visada a esse respeito: talvez as tão

famosas exclusões saussurianas tenham sido consolidadas por leituras avessas e incompletas do CLG, pois para Saussure a língua é um sistema de signos que se relacionam e, assim, significam.

Percebe-se, pois, que o sujeito, supostamente preterido na teoria saussuriana, é reconduzido aos estudos da linguagem por meio da própria obra de Saussure, visto que, mesmo exercendo uma função periférica ele sempre esteve presente, permitindo que a questão da subjetividade fosse posteriormente mais bem elaborada e aprofundada, confirmando o pensamento benvenistiano de que “Saussure é em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos” (BENVENISTE 2005, p. 35).

1.1 Benveniste – o linguista da enunciação

Na esteira do desenvolvimento da Linguística Moderna surgem os linguistas pós-saussurianos que, rechaçando ou legitimando o legado de Saussure, retornam ao mestre genebrino para o desenvolvimento de seus próprios postulados linguísticos. Dentre esses linguistas destaca-se Émile Benveniste (1902-1976), considerado o linguista da enunciação, aquele que, no seio do estruturalismo, encarregou-se de incluir os estudos da enunciação e, conseqüentemente da subjetividade na linguagem,

Pois, se de um lado Benveniste mantém-se fiel ao pensamento de Saussure – na justa medida em que conserva concepções caras ao saussuriano, tais como estrutura, relação, signo – por outro apresenta meios de tratar da enunciação ou, como ele mesmo diria, do homem na língua. Esta é a inovação de seu pensamento: supor sujeito e estrutura articulados (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 30).

Vê-se, portanto, que a sua tarefa foi árdua, visto que um dos princípios do estruturalismo é o da imanência, no qual a língua é autossuficiente e conhece apenas a sua ordem própria. Por conseguinte, acreditava-se que abordar a enunciação nesse contexto “era dar lugar a fenômenos extralinguísticos, exteriores ao sistema, logo, sem pertinência para uma visão estrutural da língua” (FLORES & TEIXEIRA, 2005, p. 30). Nesse sentido, Roland Barthes evidencia a grandiosidade do pensamento benvenistiano e essa nova “forma” de pensar a língua – em funcionamento.

Benveniste deu corpo científico a uma noção que assumiu a maior importância no trabalho de vanguarda: a enunciação. A enunciação não é o enunciado (por certo), e não é tampouco (proposição mais sutil e mais revolucionária) a simples presença da subjetividade no discurso, ela é o ato, renovado, pelo qual o locutor toma posse da língua (apropria-se dela, diz com justeza Benveniste): o sujeito não é anterior à linguagem, só se torna sujeito na medida em que fala; em suma, não há “sujeitos” (e, portanto, não há “subjetividade”), há apenas locutores; bem mais – e isso é lembrado incessantemente por Benveniste – só há interlocutores. (BARTHES, 1988, p. 151)

Dentre todos os linguistas que trataram da enunciação – e foram muitos, a exemplo de Bally, Bakhtin e Jakobson, justifica-se a escolha de Émile Benveniste para o aporte teórico de nossos estudos, não pelo seu pioneirismo, esse lugar é reservado a Charles Bally, no entanto, coube a Benveniste instaurar no âmbito dos estudos da linguagem um pensamento diferenciado e inovador do que predominava naquela época.

O legado de Émile Benveniste (1902 -1976) se constitui numa vasta obra publicada, entre livros, comunicações realizadas na *Société Linguistique de Paris*, resenhas e artigos, muitos dos quais se encontram reunidos em seus “Problemas de linguística geral” obra que traduz o seu pensamento e fundamenta uma nova perspectiva linguística, “a da enunciação”. “Problemas de linguística geral” foi publicado em dois tomos, o primeiro em 1966, reunindo artigos publicados entre 1939 e 1964 e o segundo em 1974, com artigos publicados entre os anos de 1965 e 1972. Trata-se de uma coletânea de textos e artigos e, por isso, perde o seu caráter linear de leitura. Dessa forma, o próprio Benveniste nos alerta que os estudos ali reunidos trazem “em conjunto, e cada um em particular, uma contribuição ao grande problema da linguagem” (BENVENISTE, 2005, p. 28).

Os estudos de Émile Benveniste transitam por diversas áreas, envolvendo Filosofia, Psicanálise, Pragmática, Enunciação, dentre outros, no entanto, Benveniste é reconhecido, principalmente, por reintroduzir no campo linguístico, por meio de sua abordagem enunciativa, o sujeito, até então considerado secundário na teoria saussuriana, concebendo, assim, uma nova forma de pensar a língua/linguagem sem, contudo, abandonar a perspectiva estruturalista fundada por Saussure.

O retorno a Saussure é evidente em toda a sua teoria linguística, o que torna Benveniste, sem dúvida alguma, um fiel seguidor do mestre genebrino, do qual

retoma vários conceitos e os concebe sob outras perspectivas, concentrando as suas reflexões, principalmente, na problemática da significação na língua.

O pensamento Benvenistiano recusava-se a pensar a língua em um sistema fechado e, por conseguinte, apesar de filiar-se ao estruturalismo, Benveniste concebe a significação em dois domínios, o primeiro interior ao sistema linguístico (semiótico) e o segundo, exterior a ele (semântico). O semiótico conforme o pensamento saussuriano, relacionado às formas e implicando a relação entre os signos, no interior de um sistema linguístico e o semântico referente à língua em uso implicada nas condições de uma enunciação, referente ao sentido, estabelecendo, assim, a dupla significância na linguagem, partindo da concepção de **forma e sentido** como noções gêmeas, visto que, para Benveniste (2005), os aspectos fundamentais da função linguística consistem em “significar para a semiótica” (forma), e “comunicar para a semântica” (sentido), constituindo-se, assim, propriedades inseparáveis no uso da língua. Nesse aspecto, a caracterização da significância na língua está submetida às relações complementares de segmentação e substituição. Ao longo desse estudo retomaremos essas noções e conceitos na obra benvenistianiana.

Segundo Normand (2009), esse é o ato de “separação” entre o pensamento saussuriano e o pensamento benvenistiano, pois, segundo a autora, Benveniste ao conceber a dupla significância “retorna a uma fenomenologia que um estruturalismo metodológico não tinha abarcado, dá abertura a descrições que integram os traços da subjetividade nos enunciados e sua presença ativa em toda a enunciação” (NORMAND, 2009, p. 202), revelando, conforme a mesma autora, o seu objetivo precípuo ao investigar as “teorias gerais” da língua:

Nunca abandonar a língua, na sua matéria significante, em suas estruturas comuns, no seu aparelho “semiótico”, mas conciliar esse gesto saussuriano com a singularidade subjetiva, com a comunicação sempre situada, com o “acontecimento inebriante” que é todo enunciado. **Analisar “o semântico”, eis a proposta de Benveniste** (NORMAND, 2009, p. 202 [Grifos nossos]).

A significação, para Benveniste, é uma propriedade inerente à língua, que faz parte da sua natureza. Dito de outro modo: para o linguista “antes de qualquer coisa a linguagem significa, tal é o seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções no meio humano” (BENVENISTE, 2006, p. 222). Além disso, a abordagem semântica benvenistianiana traz consigo a possibilidade

da subjetividade, na qual um novo elemento se destaca e coloca a língua em uso, em ação: **o sujeito**.

Surge, dessa forma, inerente à perspectiva benvenistiana da significância na língua, a noção de subjetividade, concernente a “este colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82), ou seja, a enunciação, sempre única e atualizada, situada em um aqui-agora do locutor.

Nesse entendimento, cabe ao locutor se propor como sujeito linguístico ao colocar a língua em funcionamento e, para que isso se efetive, a língua disponibiliza, através do seu aparelho formal, formas linguísticas para que ele, através do agenciamento de palavras se singularize, marcando-se no ato enunciativo. Assim, o emprego da língua em situações específicas pressupõe um locutor que, por um ato individual de utilização se apropria da língua e a coloca em funcionamento, constituindo-se sujeito e produzindo a enunciação (BENVENISTE, 2006).

Nessa perspectiva, o próprio sistema linguístico disponibiliza ao locutor determinados elementos linguísticos para que ele, assumindo-os, transite da posição de locutor para constituir-se sujeito linguístico. Dessa forma, a concepção de linguagem para Benveniste só se efetiva por meio do uso, da ação, posta em discurso. Logo, a enunciação pressupõe o ato e as situações em que ela se realiza, e ainda os instrumentos de sua realização.

As questões relativas à significação e subjetividade no pensamento Benvenistiano constituem fatores de uma nova abordagem linguística que pressupõe um locutor com a intenção de expressar uma ideia colocando a língua em funcionamento, em ação e, conseqüentemente, constituindo-se sujeito. Além disso, as reflexões benvenistianas trazem consigo outras noções linguísticas fundamentais ao aporte teórico dessa nova abordagem linguística, tais como pessoa e não-pessoa; semiótico e semântico; subjetividade e intersubjetividade que nos conduzem a uma concepção de língua num viés enunciativo, pois, para Benveniste (2006)

Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância do discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno (p. 83-84).

Assim, para além da concepção de uma nova abordagem linguística, Émile Benveniste é considerado aquele que “propõe uma linguística do discurso, fundada na alocação e no diálogo, abrindo o enunciado para o processo de enunciação, para

a subjetividade e para a intersubjetividade” (KRISTEVA, in BENVENISTE, 2014, p. 37-38), ou seja, Benveniste é responsável por uma abordagem da língua/linguagem que subverte o paradigma da análise linguística de toda uma época.

1.1.1 A noção de sentido na concepção benvenistiana

Assimilar o processo da significância em Émile Benveniste equivale a compreender a função do signo e da palavra inerente ao processo enunciativo, visto que o linguista, em suas análises, agrega a perspectiva estruturalista, que não abandona as formas, a um novo paradigma linguístico, que pressupõe a linguagem em uso, em uma instância discursiva. Faz-se necessário salientar que o discurso para Émile Benveniste está associado à enunciação. Segundo o Dicionário de Linguística da Enunciação (2009), Benveniste utiliza o termo discurso na acepção de uma “atualização da língua cada vez que alguém assume o lugar do eu” (FLORES, et al, 2009, p. 84).

Observa-se, nesse sentido, que Benveniste problematiza a natureza do signo linguístico propondo um arcabouço teórico diferenciado da concepção saussuriana, na qual o signo linguístico é arbitrário. Segundo Benveniste, a simplificação desse postulado cria uma evidente contradição, pois, ao afirmar que **o signo linguístico é arbitrário**, Saussure o compreende como a própria relação significado/significante e não como um efeito resultante dessa associação.

Para ele, essa problemática sobre a natureza do signo linguístico suscita a questão da referência e do sentido, evidenciando que “é desta confusão extremamente frequente entre sentido e referência, ou entre referente e signo, que nascem tantas discussões vãs sobre o que se chama o princípio da arbitrariedade do signo”. (BENVENISTE, 2006, p. 231). Ao considerar que “a língua é forma e não substância” (SAUSSURE, 2012, p. 163), Saussure não considera na relação significado e significante, a sua referência com o mundo externo, com a realidade na qual o signo se materializa. No entanto, o próprio Saussure evidencia que “esses dois elementos [significado e significante] estão intimamente unidos e um reclama o outro”. (SAUSSURE, 2012, p. 108 [Acréscimos nossos]), a exemplo da diferença entre os termos b-ö-f e o-k-s que apenas se caracteriza quando aplicada à mesma realidade (BENVENISTE, 2005, p. 54).

Em decorrência disso, para Benveniste “[...] entre o significante e o significado, **o laço não é arbitrário**; pelo contrário, **é necessário**.” (BENVENISTE, 2005, p.55 [Grifos nossos]).

Por conseguinte, afirma Benveniste, “o que é arbitrário é que um signo, mas não outro, se aplica a determinado elemento da realidade, mas não a outro” (BENVENISTE, 2005, p. 56), ficando o domínio do arbitrário “[...] relegado para fora da compreensão do signo linguístico” (BENVENISTE, 2005, p.57). E ainda, “[...] O arbitrário só existe aqui em relação com o fenômeno ou o objeto material e não intervém na constituição própria do signo” (BENVENISTE, 2005, p.57).

Nesse sentido,

Não é entre o significante e o significado que a relação ao mesmo tempo se modifica e permanece imutável, é entre o signo e o objeto; é, em outras palavras, a motivação objetiva da designação, submetida, como tal, à ação de diversos fatores históricos. O que Saussure demonstra permanece verdadeiro, mas a respeito da significação, não do signo. (BENVENISTE, 2005, p.58)

Dessa forma, para Benveniste (2006) “o sentido de uma palavra é seu emprego” e o referente “é o objeto particular a que a palavra corresponde no caso concreto da circunstância ou do uso.” (BENVENISTE, 2006, p. 231), visto que a língua, enquanto semântica, materializa-se pela enunciação, que compreende referência a uma situação dada.

Assim, para melhor compreendermos o pensamento benvenistiano sobre a significância em sua complexidade faremos uma incursão pelos textos⁶ “Os níveis da análise linguística” (1964); “A forma e o sentido na linguagem” (1966) e “Semiologia da língua” (1969). Nesse sentido, voltamos a salientar que os textos de Émile Benveniste foram produzidos em épocas diferentes e contextos diversos e, portanto, evidenciam suas singularidades, não representando um todo orgânico e linear, exigindo, dessa forma, leituras também singulares, daí a necessidade da seleção de um corpus teórico de referência. Isto posto, acreditamos que os artigos selecionados possibilitam uma leitura que abarca a introdução e o desenvolvimento da concepção benvenistiana sobre a significância, culminando nas abordagens semiótica e semântica da língua, facilitando a compreensão da língua assumida como discurso e no papel do signo e da palavra como agenciadores do sentido.

⁶ Os textos em questão estão compilados em “Problemas de Linguística Geral I e II” e estão aqui apresentados com as datas da primeira publicação.

No texto “**Os níveis da análise linguística**” (1964), Benveniste, assim como Saussure, reconhece a necessidade de se descrever a linguagem como uma estrutura formal, no entanto, compreende que tal procedimento só será factível com o estabelecimento de “procedimentos e de critérios adequados” (BENVENISTE, [1964] 2005, p. 127) constituindo, assim, um método de análise para uma descrição coerente do fenômeno linguístico. Decorre dessa necessidade a noção de nível, pois, segundo Benveniste “só ela pode fazer-nos reconhecer, na complexidade das formas, a arquitetura singular das partes e do todo” (BENVENISTE, [1964] 2005, p. 127).

Para Benveniste cada nível é definido numa intrincada rede de relações que considera a distribuição de suas unidades linguísticas em um nível, tornando-se unidades constituintes desse nível, ao mesmo tempo em que considera a integração dessas unidades em um nível superior. Esse duplo movimento condiz, respectivamente, à forma e ao sentido na linguagem.

Forma e sentido na concepção benvenistiana correspondem a noções gêmeas e permeiam todo o estudo linguístico, visto que, para Benveniste, os elementos linguísticos são determinados por meio das relações que os unem. Nessa perspectiva, o método de análise por ele proposto consiste em duas operações: segmentação e substituição, que se realizam nos eixos sintagmáticos e paradigmáticos, respectivamente.

Assim, não importa o tamanho do texto, deve-se “segmentá-lo em porções cada vez mais reduzidas, até os elementos não decomponíveis. Paralelamente, identificam-se esses elementos por meio das substituições que admitem” (BENVENISTE, [1964] 2005, p. 128), derivam-se, dessa forma, os fonemas, unidades mínimas que comportam as operações de segmentação e substituição. No entanto, Benveniste ressalta que alguns elementos mínimos não comportam a operação de segmentação, são os traços distintivos dos fonemas ou merismas que se constituem classes paradigmáticas por comportarem apenas a operação de substituição.

Nesse processo delimitam-se os níveis inferiores de análise linguística: o fonema e os merismas. No entanto, Benveniste salienta que “uma unidade linguística só será recebida como tal se se puder identificar em uma unidade mais alta” (BENVENISTE, [1964] 2005, p. 131). Dessa forma, a análise linguística só estará completa se a unidade linguística for capaz de integrar uma unidade de um

nível superior. Logo, o método de análise linguística proposto por Benveniste só pode definir um nível de acordo com a sua capacidade de integração a um nível superior.

Importante salientar que para Benveniste “o sentido é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter status linguístico” (BENVENISTE, [1964] 2005, p. 130), assim, recai sobre a operação de integração, ou semantização, a função de definir um nível de análise linguística. Como podemos identificar de maneira mais didática na tabela abaixo:

RELAÇÕES DISTRIBUCIONAIS	RELAÇÕES INTEGRATIVAS
Permitem reconhecer unidades constituintes	Permitem reconhecer unidades integrantes
FORMA: capacidade de dissociação	SENTIDO: capacidade de integração

Tabela 01: esquema representativo das relações distribucionais e relações integrativas, apresentado pelo Dicionário de Linguística da Enunciação (2009, p. 124).

Por conseguinte, como afirma o próprio Benveniste ([1964] 2005), o nível do fonema só se realiza a partir de sua capacidade de integrar um nível superior, o morfema, do qual é elemento integrante e, do morfema passa-se ao nível da palavra que assume uma posição funcional intermediária, visto que ela pode se decompor em unidades de nível inferior e simultaneamente, como unidade significativa, “entrar em relação com outras unidades significativas, numa unidade de nível superior” (BENVENISTE, [1964] 2005, p. 131). Dessa forma, a palavra assume a “noção mediadora entre a Teoria do Signo, de Saussure e a Teoria da Enunciação de Benveniste” (FLORES et al, 2009, 183). A unidade de nível superior a qual a palavra integra, Benveniste denomina frase.

Segundo Benveniste ([1964] 2005) a frase, último nível de análise linguística, corresponde a uma “criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação”; “a frase pertence ao discurso”, “é a unidade do discurso”, concluindo que é através da frase que se deixa “o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como um instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso” (BENVENISTE, [1964] 2005, p. 139). Entende-se, portanto, que frase equivale à enunciação, sempre única e irrepetível.

No entanto, o linguista revela que, apesar de a frase se realizar em palavras, estas não correspondem tão somente aos seus segmentos, visto que “uma frase constitui um todo, que não se reduz à soma das suas partes” (BENVENISTE, [1964] 2005, p. 132). E, por conseguinte, o sentido inerente ao todo é compartilhado com todas as partes e, sendo a palavra uma dessas partes, “efetua-lhe a significação”. (BENVENISTE, [1964] 2005, p. 132).

Para Benveniste a palavra se constitui na menor unidade significativa, significando enquanto unidade autônoma e enquanto unidade constituinte do discurso, “produzindo sentido próprio à atitude do sujeito e à situação enunciativa (FLORES et al, 2009, p. 183).

Em “**A forma e o sentido na linguagem**” (1966) Benveniste evidencia que a essência da linguagem é, antes de tudo, significar “[...] tal é seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano” (BENVENISTE, [1966] 2006, p. 132), desse modo, o funcionamento da linguagem reclama essa dupla: a **forma** e o **sentido** que, ao mesmo tempo em que integra, esclarece a língua, sendo, portanto, impossível conceber uma sem a outra.

Benveniste, apesar de assumir a língua como um sistema de signos, assim como Saussure, enfatiza a necessidade de ir além do pensamento saussuriano no que concerne à significância na linguagem e apresenta duas maneiras de ser língua, no sentido e na forma: língua como semiótica e língua como semântica (BENVENISTE, [1966] 2006). Além disso, distingue com muito cuidado as funções inerentes a esses dois domínios, esclarecendo que ao campo semiótico cabe a função de significar, enquanto o domínio do campo semântico se encarrega de comunicar.

Em suma, o domínio do semiótico se realiza por meio do signo, no interior do sistema linguístico, onde os signos significam por meio de relações e oposições com os outros signos, dessa forma cada signo é o que o outro não é. Nesse sentido, Benveniste ([1966] 2006) destaca como princípio que

Tudo o que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior e no uso da língua. Cada signo entra numa rede de relações e de oposições com os outros signos que o definem, que o delimitam no interior da língua. (p. 227).

Nesse caso, é o aspecto distintivo das formas, no eixo paradigmático, que é destacado, onde o sentido corresponde à capacidade que o signo tem de, simultaneamente, relacionar-se e se opor aos outros signos. O signo significa naquilo que o distingue e o diferencia de outro signo.

Quanto ao campo semântico, é a língua em uso que merece destaque, pressupondo a presença de um locutor. Assim,

A noção de semântica nos introduz no domínio da língua em emprego e em ação; vemos desta vez na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens. (BENVENISTE, [1966] 2006, p. 229).

Observam-se, nesse caso, as relações sintagmáticas, visto que o sentido se edifica com a ação do locutor que assume a língua e a transforma em discurso, significando para o outro, o alocutário.

Em “**Semiologia da língua**” (1969) Benveniste retoma os conceitos de semiótico e semântico evidenciando os modos distintos de significância na linguagem, pois, segundo ele

[...] a língua significa de uma maneira específica e que não está senão nela, de tal maneira que nenhum outro sistema o pode produzir. Ela é investida de uma DUPLA SIGNIFICÂNCIA. Trata-se propriamente de um modelo sem analogia. A língua combina dois modos distintos de significância, que denominamos modo SEMIÓTICO por um lado, e modo SEMÂNTICO por outro. (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 64).

Nesta lógica de uma distinção entre essas duas esferas da significação na linguagem, Benveniste considera a necessidade do reconhecimento do signo no domínio do semiótico, enquanto no semântico deve haver a compreensão, destacando, assim, as relações sintagmáticas, visto que “o sentido da frase é de fato a ideia que ela exprime; este sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 230).

Aqui é importante salientar que o signo, diferentemente do que postula Saussure, é visto como uma unidade semiótica e a sua existência ou o seu significado se estabelece por meio da sua aceitação social ou não, assim, “[...] para que um signo exista [signifique], é suficiente e necessário que ele seja aceito e que se relacione de uma maneira ou de outra com os demais signos [...]” (BENVENISTE

[1969] 2006, p. 227 [Acréscimo Nosso]). Nesse sentido, é no funcionamento da língua que o signo ganha existência.

Há, portanto, no campo semiótico um princípio de independência, enquanto no campo semântico evidenciamos um conjunto de referências, ou seja, “a ordem semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 65).

Percebem-se, nesses textos de Benveniste que o sentido na língua está vinculado ao processo de sintagmatização realizado pelo locutor que ao colocar a língua em funcionamento realiza escolhas lexicais promovendo arranjos sintagmáticos possíveis. Assim, “tudo é dominado pela condição do sintagma, pela ligação entre os elementos do enunciado destinado a transmitir um sentido dado, numa circunstância dada” (BENVENISTE, [1966] 2006, p. 230). Nesse aspecto, a sintagmatização é uma estratégia linguística utilizada pelo locutor na semantização para um alocutário, considerando que “a partir da ideia, a cada vez particular, o locutor agencia palavras que neste emprego têm um ‘sentido’ particular” (BENVENISTE, [1966] 2006, p. 231). Assim, “os interlocutores referem e co-referem na atribuição de sentido às palavras” (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 31).

Desse modo, a produção de um enunciado supõe necessariamente um locutor e um alocutário onde, cada um a seu turno, apropria-se da língua e se constitui como “eu”, gerando, dessa forma, um centro de referência da enunciação que serve de base para a constituição do espaço e do tempo discursivos.

Para Benveniste (2005), a representação da subjetividade na linguagem repousa sobre a categoria da dêixis, visto que esses elementos são interpretados com referência à situação enunciativa e referem-se a algo exclusivamente linguístico, não remetendo a um objeto ou conceito específico. Nesse entendimento, os dêiticos só existem na realidade do discurso, porque alguém os assume e mobiliza-os numa situação comunicativa, possibilitando, dessa forma, a interação com o outro e a sua instituição enquanto sujeito linguístico.

Portanto, é a partir do arranjo sintagmático, o qual é realizado com a língua em ação, que decorrem os sentidos, Logo, não há enunciação sem a presença do locutor, que assumindo a língua em sua instância discursiva, através dos dêiticos, caracteriza-se como sujeito, pois “só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (BENVENISTE, [1958] 2005, p. 286).

2 A TEORIA DA ENUNCIÇÃO DE ÉMILE BENVENISTE

Neste capítulo apresentamos os postulados teóricos da enunciação benvenistiana que, fundamentando-se em conceitos estruturalistas saussurianos, estabelecem uma nova perspectiva para os estudos linguísticos, uma vez que, ao adentrar no campo da enunciação mobiliza um novo elemento: o sujeito, responsável pela atualização do sistema linguístico, concebendo a língua enquanto situação de comunicação e interação entre locutores.

Para tanto, utilizamos os textos “Estruturas das relações de pessoas no verbo” (1946), “A natureza dos pronomes” (1956) e “Da subjetividade na linguagem” (1958) que fazem parte do tomo I de “Problemas de Linguística Geral”, além do último texto sobre enunciação publicado em vida pelo autor: “O Aparelho formal da enunciação” de 1970, constante do tomo II da mesma coletânea.

Destacamos ainda, a dêixis como fundamento da subjetividade na teoria benvenistiana, visto que para atingirmos o objetivo desse estudo, esses elementos, carecem ser analisados sob a perspectiva enunciativa da linguagem.

Acreditamos que os textos selecionados e as discussões levantadas sejam capazes de traduzir o pensamento inovador de Émile Benveniste, uma vez que estabelecem noções basilares de sua teoria. Nessa abordagem sobre os estudos enunciativos destacamos, nos três primeiros textos, as concepções de enunciação enquanto processo em oposição ao enunciado, produto do ato enunciativo; a teoria do sujeito implícita na teoria da enunciação, salientando, no entanto, que Benveniste trata de um sujeito linguístico, que é produzido “na e pela linguagem”. Apresentamos também as noções de pessoa/não pessoa e os conceitos de subjetividade e intersubjetividade que estão intrinsecamente relacionadas ao próprio fundamento da enunciação, a língua em uso. Além disso, ressaltamos a enunciação como uma realização que ocorre em um quadro formal, apresentada no célebre texto “O aparelho formal da enunciação”, de 1970, um conceito inovador no campo linguístico, responsável por instaurar o quadro formal da enunciação: “eu/tu-aqui-agora”. Destacamos ainda, a dêixis enquanto signos vazios e fundamento da subjetividade na teoria benvenistiana, pois são responsáveis por marcar o sujeito em um tempo e um espaço linguístico, promovendo, por conseguinte, efeitos de sentido no discurso.

2.1 A (inter)subjetividade na linguagem e a emergência do sentido na teoria benvenistiana

A perspectiva de entendimento de língua/linguagem em Benveniste pressupõe esta sob a ação do homem, pois “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem” (BENVENISTE, 2005, p. 285). Para Kristeva (2014), Benveniste buscava nas propriedades da própria linguagem “as possibilidades de fazer sentido, específicas deste ‘organismo significante’ que é a humanidade falante” (KRISTEVA in BENVENISTE, 2014, p. 35). Nesse contexto, compreende-se que língua e sujeitos estão implicados nos estudos benvenistianos, possibilitando essa nova forma de conduzir os estudos linguísticos.

Benveniste apresenta a linguagem enquanto interação, visto que ela pressupõe um dialogismo, no qual um locutor se propõe como sujeito e implanta diante de si o outro, exigindo uma resposta e tornando possível a comunicação humana. Diante desse pensamento, duas noções se sobressaem na concepção benvenistiana: subjetividade e intersubjetividade, visto que ambas se apresentam como princípios fundamentais a uma linguística do discurso.

Segundo o Dicionário de Linguística da Enunciação (2009), o termo “subjetividade” não assume valor hegemônico ao longo dos estudos benvenistianos, exigindo do leitor um posicionamento epistêmico acerca dessa concepção. Nesse estudo consideramos a noção de subjetividade como a que está proposta no texto “Da subjetividade na linguagem” (1958), na qual “a subjetividade está marcada no sistema da língua” (FLORES et al, 2009, p. 220), pois para Benveniste a linguagem é constitutiva do homem.

Assim, ao incluir o sujeito nos estudos linguísticos os usos da língua são considerados nas interações estabelecidas entre locutor e alocutário. Nessa perspectiva, a subjetividade para Benveniste corresponde à “capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’” (BENVENISTE, 2005, p. 286). No entanto, a possibilidade da subjetividade só é efetivada mediante uma relação de comunicação, ou seja, por meio do processo interativo, através da intersubjetividade.

Compreende-se, por conseguinte, que a intersubjetividade é a “única que torna possível a comunicação linguística” (BENVENISTE, 2005, p. 293). Nesse sentido, o ato enunciativo decorre de uma relação intersubjetiva entre um “eu” e um

“tu” reversíveis que “referem e co-referem na atribuição de sentido às palavras” (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 31).

Observa-se, portanto, que os sentidos, em um contexto enunciativo, são produzidos sempre numa perspectiva dialógica, interativa, com vistas ao outro, pois, segundo Benveniste (2006) “Somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo, e por consequência a normalização do pensamento e o desenvolvimento da consciência” (p. 229).

Com esse entendimento, buscamos demonstrar a relação existente entre a representação da (inter)subjetividade na linguagem e a produção do sentido no contexto enunciativo. Essa compreensão torna-se fundamental para o prosseguimento deste trabalho, uma vez que esse aspecto é essencial em nosso estudo por considerar a linguagem na perspectiva enunciativa, numa relação de interação.

Para isso, recorreremos aos seguintes textos de Émile Benveniste: “Estruturas das relações de pessoas no verbo” (1946), “A natureza dos pronomes” (1956) e “Da subjetividade na linguagem” (1958), nos quais o autor fundamenta a categoria de pessoa e não pessoa a partir da correlação de personalidade e subjetividade. Além disso, destacamos “O aparelho formal da enunciação” (1970) texto que apresenta a enunciação como uma realização que ocorre em um quadro formal, “eu/tu-aqui-agora. O que possibilita ao locutor a apropriação do aparelho formal da língua com vistas a enunciação. Dessa forma, percebe-se que cabe ao sujeito, através das escolhas sintagmáticas possíveis, construir o sentido na enunciação, sempre com vistas ao outro implantado no ato enunciativo.

No texto intitulado “**Estrutura das relações de pessoa no verbo**”, publicado inicialmente em 1946, Benveniste denuncia o equívoco de se considerar a categoria de pessoa de forma sumária, conforme a classificação tradicional herdada da gramática grega, associada ao estudo dos verbos e dos pronomes pessoais e constituída por três pessoas: *eu* (a que fala), *tu* (com quem se fala) e *ele* (de quem se fala). Segundo Benveniste, a categoria de pessoa deve ser fundamentada linguisticamente, sendo necessário “[...] procurar saber como cada pessoa se opõe ao conjunto das outras e sobre que princípio se funda a sua oposição, uma vez que não podemos atingi-las a não ser pelo que as diferencia” (BENVENISTE, [1946] 2005, p. 248).

É na gramática árabe que Benveniste encontra uma base de definições para evidenciar a disparidade existente entre a terceira pessoa e as duas primeiras (BENVENISTE, [1946] 2005). Para os gramáticos árabes “a primeira pessoa é *al-mutakallimu*, ‘aquele que fala’; a segunda, *al-mubūtabu*, ‘aquele a quem nos dirigimos’; **mas a terceira é *al-yā’ibu*, ‘aquele que está ausente’**” (BENVENISTE, [1946] 2005, p. 250 [Grifos nossos]). Nesse entendimento, há nas formas *eu* e *tu*, concomitantemente, uma pessoa implicada e um discurso sobre ela (BENVENISTE, [1946] 2005), assim, “dizendo *eu*, não posso deixar de falar de mim” (BENVENISTE, [1946] 2005, p. 250). Em relação a *ele*, entretanto, a situação é bem diferente, pois “essa forma é assim exceptuada da relação pela qual ‘eu’ e ‘tu’ se especificam” (BENVENISTE, [1946] 2005, p. 250) o que justifica, portanto, a sua denominação de “não-pessoa”.

De acordo com Benveniste (2005), “uma característica das pessoas ‘eu’ e ‘tu’ é a sua **unicidade específica**: O ‘eu’ que enuncia, o ‘tu’ ao qual ‘eu’ se dirige são cada vez únicos. ‘Ele’, porém, pode ser uma infinidade de sujeitos – ou nenhum”. ([1946] 2005, p. 253 [Grifos nossos]).

Além disso, Benveniste (2005) cita outra característica comum a “eu” e “tu” e inexistente a “ele”, trata-se da **inversibilidade**, pois,

[...] o que ‘eu’ define como ‘tu’ se pensa e pode inverter-se em ‘eu’, e ‘eu’ se torna um ‘tu’. Nenhuma relação paralela é possível entre uma dessas duas pessoas e ‘ele’, uma vez que ‘ele’ em si não designa especificamente nada nem ninguém. (BENVENISTE, [1946] 2005, p. 253).

Com base nessas características, compreende-se que “[...] a ‘terceira pessoa’ é a única pela qual uma *coisa* é **predicada verbalmente**” (BENVENISTE, [1946] 2005, p. 253 [Grifos nossos]), assim, tudo o que não se define como “eu” e “tu” recebe a predicação verbal da terceira pessoa.

Além da unicidade específica, inversibilidade e predicação verbal que diferenciam a categoria de pessoa (eu e tu) da categoria de não pessoa (ele), Benveniste estabelece a **correlação de personalidade**⁷ que opõe as pessoas “eu” e “tu” a não pessoa “ele” e a **correlação de subjetividade**, implícita na primeira e que

⁷A versão brasileira traduz *correlation de personnalité* por correlação de personalidade. [...] penso ser mais adequado criar em português um neologismo – personalidade – para evitar confusão com o termo técnico do campo da Psicologia” (FLORES, 2013, p. 91). Assim como Flores (2013), adotaremos nesse estudo o termo “personalidade”, pelos motivos tão bem evidenciados por ele.

opção “eu” e “tu” (FLORES, 2013). Para melhor ilustrarmos esses critérios de correlação, apresentamos o quadro abaixo:

Correlação de pessoalidade	Pessoa	Eu	Correlação de subjetividade	Pessoa subjetiva	Eu
	Pessoa	Tu		Pessoa subjetiva	Tu
	Não pessoa	Ele			

Quadro 01: correlação de pessoalidade/correlação de subjetividade (FLORES, 2013, p. 92).

Entende-se, por conseguinte, que nesse texto de 1946, Benveniste lança as bases para a compreensão da distinção pessoa/não pessoa, noção fundamental para o entendimento do pensamento benvenistiano e, conseqüentemente para o desenvolvimento dessa pesquisa, no entanto, o aprofundamento dessa concepção e seus desdobramentos para uma linguística do discurso só serão plenamente compreendidos com o desenvolvimento dessa concepção em outros textos do linguista, como veremos na sequência deste estudo.

Em “**A natureza dos pronomes**”, publicado em 1956, Émile Benveniste problematiza os pronomes, evidenciando que eles “não constituem uma classe unitária” (BENVENISTE, [1956] 2005, p. 277). E Isso ocorre por dois motivos: segundo o linguista, alguns desses termos “pertencem à sintaxe da língua”, ou seja, ao nível semiótico, enquanto outros caracterizam as “instâncias do discurso”, ou nível semântico (BENVENISTE, [1956] 2005, p. 277). Faz-se necessário salientar que por “instâncias do discurso” Benveniste compreende “os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor” (BENVENISTE, [1956] 2005, p. 277). Destaca-se, por conseguinte, que o interesse de Benveniste nessa categoria são os seus usos, o que implica diretamente na própria enunciação: “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82).

É nessa perspectiva que Benveniste retoma a distinção pessoa/não pessoa elaborada no texto “Estrutura das relações de pessoa no verbo”, de 1946, destacando, desta vez, a oposição objetivo/subjetivo. Pois, para o linguista, diferentemente de cada instância de emprego de um nome que “[...] refere-se a uma noção constante e ‘**objetiva**’ [...]” (BENVENISTE, [1956] 2005, p. 278 [Grifo nosso]),

“Cada “eu” tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal” (BENVENISTE, [1956] 2005, p. 278). Nesse sentido, a diferença estabelecida entre o “eu” e uma noção lexical se materializa no ato enunciativo. Pois, quando o indivíduo se apropria da linguagem e se enuncia como locutor, o “eu” gera um sistema de referências internas com dupla instância, estabelecendo-se como referente e como referido. Desse modo, “Eu significa ‘a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém eu’” (BENVENISTE, [1956] 2005, p. 278).

Ainda de acordo com o linguista, os pronomes pessoais

[...] escapam ao status de todos os outros signos da linguagem. A que, então, se refere o ‘eu’? A algo muito singular, que é exclusivamente linguístico: ‘eu’ se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. (BENVENISTE [1956] 2005, p. 288)

Nesse entendimento, os indicadores de pessoa “eu” e tu” só se materializam na medida em que são atualizados no discurso, marcando em suas instâncias o processo de apropriação pelo locutor. Observa-se, por conseguinte, a mesma “[...]definição simétrica para tu, como o ‘indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância linguística tu’” (BENVENISTE [1956] 2005, p. 279).

É preciso ficar claro que “essa referência constante e necessária à instância de discurso constitui o traço que une a eu/tu uma série de ‘indicadores’” (BENVENISTE [1956] 2005, p. 279). Desse modo, Benveniste estabelece uma relação indissociável entre o discurso e esses “indicadores”, compreendendo aos elementos dêiticos essa função no ato discursivo, pois, enquanto formas vazias e sem qualquer referência material, tornam-se plenos à medida que o locutor os assume no discurso. Dessa forma, eles referem-se à realidade do discurso e só podem ser identificados em termos de locução.

Ainda segundo o autor, a dêixis compreende o indicador de pessoa, portanto, “é ao mesmo tempo original e fundamental o fato de que essas formas ‘pronominais’ não remetam à ‘realidade’ nem a posições ‘objetivas’ no espaço ou no tempo, mas à enunciação, cada vez única, que as contém, e reflitam assim seu próprio emprego” (BENVENISTE, [1956] 2005, p. 280).

Benveniste também associa a essa categoria de indicadores os advérbios “aqui” e “agora”, pois fazem referência à instância do discurso, da mesma forma que os pronomes “eu” e “tu”. Assim, “[...] aqui e agora delimitam a instância espacial e

temporal coextensiva e contemporânea da presente instância de discurso que contém eu”. ([1956] 2005, p. 279).

Desse modo, Benveniste define as categorias de pessoa, tempo e espaço como indicadores que evidenciam a relação do locutor com a língua e se referem à realidade do discurso e só podem ser identificados em termos de locução, implicando, assim, as relações de subjetividade que envolvem locutor e um alocutário por ele instituído.

No texto “**Da subjetividade na linguagem**” (1958), Benveniste questiona a ideia de que a linguagem seja um instrumento de comunicação, visto que esse pensamento coloca em oposição o homem e a natureza, pois, segundo o linguista,

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a: Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem. (BENVENISTE, [1958] 2005, p. 285)

Dessa forma, Benveniste dá contorno a sua teoria do sujeito, pois para ele, “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, [1958] 2005, p. 285). Nesse entendimento, o status linguístico de sujeito se efetiva numa situação de interação entre indivíduos, na qual a linguagem possibilita a existência do “eu” e do “tu”.

Cabe ressaltar que a subjetividade proposta por Benveniste proporciona uma distinção entre locutor e sujeito. Segundo o autor essa mudança de status linguístico do locutor se efetiva quando este assume a linguagem, estabelecendo-se sujeito do seu dizer. Nesse contexto, segundo Benveniste, o fundamento da subjetividade se determina pelo status linguístico de “pessoa” (BENVENISTE, [1958] 2005, p. 286), uma vez que a interação é a principal característica da linguagem humana, pois,

Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha locução um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade que *eu* me torne *tu* na locução daquele que por sua vez se designa por eu. (BENVENISTE, [1958] 2005, p. 286)

Portanto, locutor e interlocutor encontram-se em constante interação, estabelecendo uma relação de “polaridade” entre o “eu” e o “tu”. No entanto, Benveniste esclarece que essa “polaridade” não se dá de forma simétrica e igualitária, visto que “ego tem sempre uma posição de transcendência quanto a tu;

apesar disso, nenhum dos dois termos se concebe sem o outro; são complementares, mas segundo uma oposição 'interior/exterior' e ao mesmo tempo são reversíveis." (BENVENISTE, [1958] 2005, p. 286-287), configurando-se numa relação precípua de intersubjetividade.

Assim, a linguagem enquanto atividade humana se caracteriza como espaço no qual o indivíduo se constrói como falante e sujeito do seu dizer, permitindo "a cada locutor apropriar-se da língua toda designando-se como eu" (BENVENISTE, [1958] 2005, p. 288). Nesse sentido, Benveniste evidencia elementos inerentes ao sistema linguístico que são disponibilizados ao locutor para que ele assuma a posição de sujeito, como os pronomes que fazem referência à categoria de pessoa. Entende-se, dessa forma que

A linguagem é [...] a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas. (BENVENISTE, [1958] 2005, p. 289 [Grifo nosso])

O autor esclarece ainda que cabem aos indicadores de dêixis não só a definição de pessoa, mas toda a organização das "relações espaciais e temporais em torno do 'sujeito' tomado como ponto de referência: 'isto, aqui, agora'" (BENVENISTE, [1958] 2005, p. 288), sendo a categoria de tempo definida pelos verbos e a categoria de espaço expressa pelos advérbios. Faz-se necessário esclarecer que a referência dessas categorias será sempre ego, correspondendo ao momento da enunciação.

Com os estudos de Benveniste (1958), tornou-se possível compreender que a instauração da subjetividade no ato discursivo requer um locutor que se propõe como sujeito ao assumir formas vazias que o próprio sistema linguístico dispõe. Entende-se, por conseguinte que,

A instalação da "subjetividade" na linguagem cria na linguagem e, acreditamos, igualmente fora da linguagem, a categoria da pessoa. Tem além disso efeitos muito variados sobre a própria estrutura das línguas, quer seja na organização das formas ou nas relações da significação. (BENVENISTE, [1958] 2005, p. 290)

Nesse sentido, compreende-se que o usuário da língua se propõe como sujeito ao assumir signos linguísticos que em consonância com os domínios orais e escritos da comunicação e interação verbal o marcam no ato de produção do

enunciado, colocando-o em contato com o mundo e construindo os sentidos a partir desse instante.

As categorias de pessoa, tempo e espaço serão novamente suscitadas por Benveniste em seu célebre texto “O aparelho formal da enunciação”, de 1970, no qual o linguista concebe a ideia de um mecanismo linguístico responsável pela subjetivização da língua pelo locutor, como veremos na seção seguinte.

2.2 O aparelho formal da Enunciação

O aparelho formal da enunciação é apresentado por Émile Benveniste em 1970, em artigo de mesmo nome, sendo o último sobre enunciação publicado em vida pelo linguista. Neste texto, Benveniste concebe a enunciação como uma realização que ocorre em um quadro formal. A partir deste texto, que aborda conceitos já elaborados nas décadas de 1940 e 1950, como as categorias de pessoa, espaço e tempo na linguagem, Benveniste concebe a ideia de que a língua, por meio de um aparelho formal, disponibiliza formas linguísticas para que o locutor, apropriando-se delas atualize o sistema linguístico e se individualize, constituindo-se sujeito “na e pela linguagem” na medida em que expressa suas ideias pelo agenciamento de palavras que afeta todo o sistema linguístico.

Segundo o autor, as descrições linguísticas até então se ocupavam do “emprego das formas”, no entanto, essas descrições, sintáticas e morfológicas, não davam conta do funcionamento da língua. Depreende-se dessa afirmação que as descrições linguísticas necessitam do emprego das formas, com base na nomenclatura gramatical, porém, o emprego da língua implica um sujeito que dela se apropria e a coloca em funcionamento. Nesse sentido, o autor evidencia que o emprego da língua

Trata-se aqui de um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira. A dificuldade é apreender este grande fenômeno, tão banal que parece se confundir com a própria língua, tão necessário que nos passa despercebido (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 82).

Esse processo se refere à própria enunciação que, segundo Benveniste ([1970] 2006) nos permite observar como o “sentido” se forma em “palavras”, pois “é a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância” (BENVENISTE, [1970] 2016, p.

83). Em consequência disso, na enunciação devemos considerar “[...] sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização” (BENVENISTE, [1970] 2008, p. 83), pois,

Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de apropriação. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro. (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 84).

Observa-se, dessa forma, que a língua toda está submetida ao processo enunciativo por uma apropriação subjetiva e constante, visto que para apreendermos a língua em uso, em funcionamento, faz-se necessário a presença de um locutor que atualize o sistema linguístico, transformando-a em discurso. Nesse sentido, “o ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala” (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 84). Insere-se nesse momento, o princípio da referência, cabendo ao locutor essa função essencial na enunciação. Segundo Benveniste ([1970] 2006),

Na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente [...]. A referência é parte integrante da enunciação (p. 84 [Grifo nosso]).

Em razão disso, Benveniste salienta que “antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua” (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 83). No entanto, durante a enunciação a língua é posta em uma instância discursiva “que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno” (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 84). Logo, a enunciação implica o outro, um interlocutor e possibilita uma nova enunciação, pois “Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário” (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 84).

É interessante observar que para enunciar a sua posição, “o locutor se apropria do aparelho formal da língua”, que segundo o Dicionário Linguístico da Enunciação (2009), trata-se de um “dispositivo que permite ao locutor transformar a língua em discurso” (p. 48). O próprio Benveniste nos apresenta esse mecanismo que possibilita a passagem da língua enquanto emprego das formas para a língua em funcionamento: “O locutor [...] enuncia sua posição de locutor por meio de

índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro” (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 84 [Grifos nossos]). A noção que esses elementos carregam são essenciais para a compreensão da concepção de enunciação, visto que são os índices específicos e os procedimentos acessórios responsáveis por vincular o sujeito ao seu dizer e, conseqüentemente pela questão da significação na linguagem.

Na busca da compreensão dessas noções, encontramos em Benveniste (2005), que “os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem” (p. 288). Dessa forma, a ideia que o linguista nos passa é a de que esses elementos estão intimamente relacionados com a questão da significação e da subjetividade, pois “[...] esses pronomes se distinguem de todas as designações que a língua articula, no seguinte: não remetem nem a um conceito nem a um indivíduo” (BENVENISTE, 2005, p.288). Benveniste (2005) especifica, ainda que

Desses pronomes dependem por sua vez outras classes de pronomes, que participam do mesmo status. São os indicadores da deixis, demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações espaciais e temporais em torno do "sujeito" tomado como ponto de referência: "isto, aqui, agora" e as suas numerosas correlações "isso, ontem, no ano passado, amanhã", etc. (p. 288).

Nesse sentido, Benveniste nos coloca diante de três categorias linguísticas responsáveis por essa atualização do sistema linguístico.

A primeira diz respeito à **categoria de pessoa**:

É primeiramente a emergência dos índices de pessoa (**a relação eu-tu**) que não se produz senão na e pela enunciação: o termo *eu* denotando o indivíduo que profere a enunciação, e o termo *tu*, o indivíduo que aí está presente como alocutário (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 84 [Grifos nossos]).

Observe que para Benveniste essa categoria linguística (a de pessoa) só é possível “na e pela linguagem”, evidenciando a materialidade do sujeito na enunciação, quando o locutor assume esses elementos linguísticos, instituindo-se sujeito e provocando uma coenunciação do seu interlocutor. Nesse sentido, o linguista esclarece que “*eu*” e “*tu*” referem-se “Unicamente [a] uma “realidade de discurso”, que é coisa muito singular [...]. Eu só pode ser identificado pela instância de discurso que o contém e somente por aí. Não tem valor a não ser na instância na qual é produzido.” (BENVENISTE, [1956] 2006, p. 278-279 [Grifos nossos])

Ao implantar a categoria de pessoa, o autor institui, no âmbito da enunciação, a referência, uma vez que, ao assumir a língua e colocá-la em funcionamento, o locutor enuncia a sua posição pelo discurso. Diante desse aspecto, as demais categorias linguísticas responsáveis pela atualização do sistema linguístico têm como referente o locutor, visto que “a presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno” (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 84).

A segunda categoria linguística evidenciada por Benveniste, responsável por “colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação” (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 84), diz respeito às formas linguísticas indicativas de espaço. Esses elementos linguísticos são responsáveis por indicar o espaço do “*eu*” na instância do discurso. Assim, Benveniste considera os “**índices de ostensão** (tipo *este, aqui*, etc.), termos que implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo em que é pronunciada a instância do termo” (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 84-85 [Grifos nossos]).

Nesse sentido, quando o locutor utiliza a língua e se propõe como sujeito (*eu*), implantando diante de si o outro (*tu*) como interlocutor, ele determina um espaço (*aqui*) da enunciação. Dessa forma, o espaço é organizado a partir de um ponto central, que é “Ego”. (BENVENISTE, 2006, [1965], p. 69). Logo, o espaço está relacionado a uma posição: a do *eu*.

A última categoria elencada por Benveniste se refere ao tempo, nesse aspecto,

[...] Uma terceira série de termos que dizem respeito à enunciação é constituída pelo paradigma inteiro - frequentemente vasto e complexo - das **formas temporais**, que se determinam em relação a *EGO*, centro da enunciação. (BENVENISTE, [1970] 2006, pp. 84-85 [Grifos nossos])

Para Benveniste o tempo é determinado em relação ao *ego* (*eu*) e, dessa forma, o tempo “‘presente’, coincide com o momento da enunciação” (BENVENISTE, 2006, [1970], p. 85), pois “é o presente do próprio ser e que se delimita, por referência interna, entre o que vai se tornar presente e o que já não o é mais” (BENVENISTE, 2006, [1970], p. 85). É preciso ficar bem claro que Benveniste considera apenas o tempo presente, aquele que coincide com o momento da enunciação, pois o passado e o futuro são tão somente referências ao agora estabelecido pela instância enunciativa.

Dessa forma, é a partir da apropriação da língua pelo locutor (eu) que ocorre o processo de subjetivização da língua, referida a um interlocutor (tu) em uma determinada situação espaço-temporal (aqui-agora). Nesse sentido, as categorias de pessoa, espaço e tempo apenas se efetivam na e pela enunciação, estabelecendo-se, portanto, como classes de signos que a enunciação “promove literalmente à existência” (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 86), determinadas pelo quadro formal da enunciação.

2.3 Da dêixis aos índices/indicadores de subjetividade

O termo “dêixis” ou “dêitico” remonta à Antiguidade Clássica, sendo utilizado pela primeira vez pelos gramáticos gregos como descritivo linguístico do ato de mostrar algo, apontando para o contexto situacional. Logo, pressupõe uma interação interlocutiva, assinalando as marcas do discurso, na qual um sujeito se enuncia a um interlocutor no tempo e no espaço da enunciação. Desta forma, os dêiticos se caracterizam como elementos linguísticos que não têm valor referencial próprio, remetendo à própria enunciação.

De acordo com Lahud (1979), o termo “dêitico” é formado a partir do grego “dêixis”, que significa

a ação de mostrar, indicar, assinalar, etc. [...] esta forma é frequentemente usada pelos filósofos e lógicos para designar uma das classes da categoria mais larga das *expressões referenciais definidas*. Encontramo-la também utilizada pelos linguistas, alguns dos quais consideram-na equivalente à noção bastante larga de *enunciação*”. (LAHUD, 1979, 40)

Nessa perspectiva, faz-se necessário estabelecer um viés epistemológico em relação a esses elementos, visto que a sua caracterização não se dá de forma unívoca, nem se traduz numa noção exclusivamente linguística.

No Dicionário de Linguística da Enunciação (2009), encontramos apenas uma referência aos dêiticos, àquela correspondente à teoria benvenistiana, ou seja, trata-se de um “mecanismo que relaciona a indicação de um objeto através de uma palavra à instância de discurso que a contém” (p. 77). No entanto, outros teóricos da linguagem também fizeram referências a esses elementos. Observa-se que na maioria dos casos a noção que esses elementos carregam está muito próxima do

ato de apontar, sendo entendida principalmente como signos que articulam a linguagem ao processo discursivo.

Lahud (1979) relaciona as principais terminologias para os dêiticos segundo alguns linguistas, a saber: para Pierce essas formas são símbolos indiciais (*indexicals symbols*) ou simplesmente indicadores; Jespersen utiliza o termo *shifters*, derivado do inglês, *shift*, que indica “mudar, variar, trocar”. Esse termo foi traduzido para o francês como *embrayeurs*, terminologia utilizada por Jakobson; Bertrand Russel denomina esses elementos como *egocentric particulars* e relaciona-os a palavras cujo sentido é relativo àquele que fala, posteriormente Deuvax traduz para o francês como *circonstanciels égocentriques*, enquanto Vuillemin prefere tratar como *indicateurs de subjectivité* (indicadores de subjetividade), expressão largamente encontrada na teoria benvenistiana.

Jakobson (1857), em seu trabalho sobre os *shifters*, relaciona os dêiticos pronominais (*embrayeurs*) ao processo enunciativo, implicando o seu uso ao contexto situacional, onde a mensagem e o código exercem dupla função, configurando-se como objetos de referência ou objetos de utilização, pois, segundo ele, no ato comunicativo, código e mensagem estão intimamente relacionados, impossibilitando, dessa forma, o uso de um sem a implicação do outro. Nesse sentido, Jakobson trata os *shifters* como códigos linguísticos que relacionam código e mensagem, estabelecendo-se como “Símbolos-Índices”, em referência à classificação tridimensional peirceana (*indexicals symbols*).

A assim, quanto ao código

“[...] o signo ‘Eu’ não pode representar seu objeto sem estar associado a ele por uma ‘regra convencional’ e, em códigos diferentes, o mesmo sentido é atribuído a diferentes sequências, tais como ‘je’, ‘ego’, ‘it’, ‘I’, etc, das quais ‘Eu’ é um símbolo” (JAKOBSON apud FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 25)

E, quanto à mensagem

“[...] o signo ‘Eu’ não pode representar seu objeto se não estiver ‘em uma relação existencial’ com esse objeto: a palavra ‘eu’, designando o enunciador está em uma relação existencial com a enunciação, na qual funciona como um índice.” (JAKOBSON apud FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 26)

Ao conceber os *shifters* como símbolos-índices, Jakobson dota esses elementos de significação própria geral, dessa forma, “[...] ‘eu’ designa o destinador (e ‘tu’ o destinatário) da mensagem a qual pertence.” (JAKOBSON apud FLORES;

TEIXEIRA, 2005, p. 25). Nesse sentido, a significação dos pronomes para Jakobson decorre da referência ao contexto enunciativo em que se apresentam.

Toda essa discussão sobre os dêiticos em Jakobson é retomada posteriormente nos estudos de Émile Benveniste que concebe esses elementos como indicadores de subjetividade.

Uma das peculiaridades da Teoria da Enunciação, fundada por Émile Benveniste, que o diferencia da corrente estruturalista da qual é afiliado, consiste no estabelecimento da noção de subjetividade e, conseqüentemente do aspecto semântico na linguagem. Sem abandonar as formas, tão valiosas ao estruturalismo, Benveniste concebe a relação dos signos com as condições de um enunciado como determinantes para significação em função de oposições instituídas no interior do sistema linguístico e exterior a ele, isso “porque a enunciação é o lugar de instauração do sujeito e este é o ponto de referência das relações espaço-temporais, ela é o lugar do ego, hic et nunc.” (FIORIN, 2010, p. 42). Assim, a cada enunciação se constitui um sujeito linguístico que, através da enunciação, coloca em funcionamento a língua por meio de um ato individual de utilização (BENVENISTE, 2006).

Observa-se, portanto, que a teoria benvenistiana remete à instauração da subjetividade no ato discursivo. Para tanto, entende-se que em um determinado enunciado existem signos linguísticos que em consonância com os domínios orais e escritos da comunicação são assumidos pelo usuário da língua que o marcam no ato de produção enunciativa.

Nessa perspectiva, os elementos dêiticos revelam-se como um conjunto de signos que têm essa função “colocar em relação o enunciado e a enunciação” (LAHUD, 1979, p. 114), realizando assim a “inserção na língua das condições na fala” (LAHUD, 1979, p. 114), pois são definidos e organizados em função do discurso (BENVENISTE, 2006).

Este entendimento sobre a função dos dêiticos em um enunciado define esta categoria como fundamental para contemplar o propósito dessa pesquisa, visto que a mobilização desses signos em um comentário torna possível ao sujeito que os assume, no momento de uso, vincular “seu enunciado ao seu próprio dizer” (LAHUD, 1979, p. 114). Visto que,

A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. (BENVENISTE, 1989, p. 84).

Para Benveniste os dêiticos são formas vazias, sem qualquer referência material, que se tornam plenos à medida que o locutor os assume no discurso. Desse modo, eles se referem à realidade do discurso e só podem ser identificados em termos de locução. A base constitutiva dos dêiticos recai sobre os termos “eu/tu – aqui – agora”, desses se derivam outras categorias que têm sempre o sujeito, a pessoa, como centro da enunciação. Portanto,

[...] é ao mesmo tempo original e fundamental o fato de que essas formas ‘pronominais’ não remetam à ‘realidade’ nem a posições ‘objetivas’ no espaço ou no tempo, mas à enunciação, cada vez única, que as contém, e reflitam assim seu próprio emprego (BENVENISTE, 2005, p. 280).

A dêixis, na teoria Benvenistiana, é fundamento para representação da subjetividade na linguagem, dessa forma, o locutor coloca a língua em funcionamento mobilizando certos sintagmas que farão a passagem desse locutor a sujeito e servirão como marcas da sua presença na língua, evidenciando assim o seu ato de dizer. Logo, a existência e os sentidos desses elementos linguísticos são promovidos a partir de uma referência interna, a do ego.

Portanto, os dêiticos só existem e produzem sentidos porque um indivíduo os assume e, ao assumir, ele próprio se constitui sujeito à medida que estabelece a sua existência ao dizer “eu” a um “tu”, em um determinado espaço (aqui) e em um determinado tempo (agora). Dessa forma, esses elementos constituem-se sintagmas que revelam e caracterizam o sujeito no ato enunciativo, existindo e produzindo sentidos a partir do contexto discursivo em que se apresentam.

Assim, os termos “eu-tu, aqui, agora” são de fundamental importância para os estudos enunciativos na linguagem, pois esses signos não têm referência constante, variam a cada enunciação, e mais, é a própria enunciação que promove esses signos à existência (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 86).

Mediante tal posicionamento, a representação da subjetividade em um determinado enunciado indica a forma que o locutor assume os dêiticos no discurso e institui um “tu” como seu alocutário, instituindo-se como sujeito e instaurando um

tempo e um espaço no ato do dizer, bem como todas as avaliações, suposições e perspectivas que são de responsabilidade desse sujeito.

3 O COMENTÁRIO SOB UM VIÉS ENUNCIATIVO: AS MARCAS DO SUJEITO DO E NO DISCURSO

Apresentaremos neste capítulo o comentário sob um viés enunciativo, visto que refletiremos o modo como os sujeitos incidem sobre o seu próprio enunciado, estabelecendo uma relação discursiva entre o locutor e o alocutário por ele instituído, caracterizando, dessa forma, o ato enunciativo. Assim, apesar de destacarmos as regularidades na produção de um comentário, o que garante a sua caracterização como um gênero textual⁸, ressaltamos que nossa intenção nesta pesquisa é a investigação do processo relativo ao colocar a língua em uso, estabelecendo o quadro formal da enunciação “eu-tu-aqui-agora”, ou seja, como o locutor, instituindo-se sujeito do seu discurso mobiliza formas com vistas a promover sentidos. Além disso, refletimos a relação do texto e do enunciado no ensino da Língua Portuguesa, possibilitando modos de se conceber a linguagem e suas implicações metodológicas no ensino da língua materna.

Por fim, apresentaremos as categorias de pessoa, espaço e tempo, o que nos permitirá relacionar subjetividade e realidade do discurso, estabelecendo “eu” como referente e referido, possibilitando ao sujeito inscrever-se na linguagem num determinado espaço e tempo, implicando a dependência destas categorias à categoria de pessoa.

3.1 O texto e o enunciado no ensino da Língua Portuguesa

A partir da segunda metade da década de 1980, os princípios orientadores do ensino de Língua Portuguesa passam por uma vigorosa revisão de suas práticas, pautada primordialmente pelo uso e funcionamento da língua. Surge, dessa forma, uma nova perspectiva de ensino da língua relacionada a uma visão centrada na noção de interação, na qual a linguagem verbal constitui-se uma atividade e não um mero instrumento.

Nesse novo cenário, o texto institui-se como objeto e unidade de ensino da disciplina, na tentativa de superar a concepção do ensino alicerçado na gramática

⁸ Os gêneros textuais, segundo a autora, são “todas as nossas produções, quer orais, quer escritas, que se baseiam em formas-padrão relativamente estáveis de estruturação de um todo” (KOCHE, 2010, p. 55).

normativa (PCN, 2000), visto que “o texto [escrito e falado] é único como enunciado, mas múltiplo enquanto possibilidade aberta de atribuição de significados, devendo, portanto, ser objeto também único de análise/síntese.” (PCN, 2000, p. 19, [Acréscimos nossos]).

Essa nova percepção do texto visa ao atendimento das práticas de uso e reflexão sobre a língua e a linguagem, aproximando o ensino da Língua Portuguesa dos estudos enunciativos benvenistianos, posto que, nessa perspectiva, a linguagem é compreendida enquanto ação, um processo ativo de construção de sentidos, necessitando da interação de seus interlocutores e refletindo uma concepção de linguagem na qual o indivíduo se constitui como falante e como sujeito. Dessa forma, “falar de instrumento, é pôr em oposição o homem e a natureza” (BENVENISTE, 2005, p. 285), posto que a situação enunciativa é compreendida no interior do seu funcionamento, enquanto produtora de discurso, ou seja, a língua colocada em uso pelo locutor.

Nesse sentido, a perspectiva enunciativa do ensino da Língua Portuguesa, fundamentada na teoria da enunciação de Émile Benveniste, oportuniza a superação de uma prática centrada em sua função metalinguística, pautada na gramática fragmentária e no ensino descontextualizado da língua. Alicerçando essa discussão, Flores et al (2008), esclarecem que

Benveniste concebe uma oposição entre a Linguística das formas e a Linguística da Enunciação. À primeira caberia a descrição das regras responsáveis pela organização formal da língua, ou seja, ela se preocuparia com um objeto estruturado do qual seriam descritas as regras imanentes a ele. A segunda pressuporia a anterior e incluiria no objeto de estudo a enunciação. Para Benveniste, a enunciação entendida como o ‘colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização’ (1989, p. 82) possibilita separar ao mesmo tempo a língua por um ato – objeto de estudo da Linguística da Enunciação – do produto, isto é, o enunciado. Este ato é o próprio fato de o locutor relacionar-se com a língua a partir das formas linguísticas da enunciação que marcam essa relação. (p. 37)

A partir desse entendimento, a linguagem filia-se a uma prática de ensino menos distanciada da realidade dos falantes, privilegiando o desenvolvimento das competências e habilidades para o uso concreto da língua.

Nessa concepção, compreende-se que a situação enunciativa é peculiar e se institui na perspectiva do eu em relação a um tu, inseridos no aqui-agora da enunciação, que serão sempre únicos e irrepetíveis. Diante dessas considerações, o ensino da Língua Portuguesa efetiva-se no texto, no enunciado, afastando-se da

visão estritamente gramatical e considerando-se o uso e o funcionamento discursivo da língua.

A respeito dessa problemática, Mello e Flores (2009, p. 3) evidenciam que “mesmo a gramática de uma língua – está subordinada ao sentido produzido por um locutor que mobiliza a língua de forma a produzir sentido. Assim, na perspectiva enunciativa, estudar a língua é abordá-la pelo viés do sentido, e a gramática está a serviço dele”.

Esse olhar diferenciado da linguística da enunciação sobre o texto evidencia o enunciador agindo sobre a língua, subvertendo ou desconstruindo paradigmas a fim de promover sentidos.

Segundo Flores et al. (2008, p. 75), “a significância do discurso contempla a significância do signo, apresentando-o sintagmatizado e semantizado na frase”. Assim, significar é promover sentidos que são constituídos pelos interlocutores da língua. Por outro lado, fora do uso o signo perde sua condição de existência, visto que,

[...] na frase articula-se a língua e o uso da língua, pois os constituintes da frase são os signos – formas da língua -, agora palavras que, ao mesmo tempo em que expressam distinção, porque integradas à frase, expressam sentido. As palavras são palavras no enunciado, são signos. Signo integrado à frase é palavra; palavra é, pois, forma e sentido. Sentido, então é relativo à enunciação, é relativo a uma ‘idéia’ que é expressa por quem usa a língua. Sentido, então, agora palavra, expressa *um* sentido, relativo à atribuição de referência, sentido que é expresso por inter-relações entre palavras que constituem o enunciado. (FLORES *et al*, 2008, p. 71)

Dessa forma, o sujeito se apropria da língua para promover sentidos de acordo com o que se quer dizer, ou seja, a semantização da língua está atrelada ao agenciamento de palavras e a sua organização sintática, pois, “somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo, e por consequência a normalização do pensamento e o desenvolvimento da consciência” (BENVENISTE, 2006, p. 229).

Em vista dessas discussões, as análises linguísticas consideradas no ensino da Língua Portuguesa, conforme as novas orientações metodológicas podem e devem “receber o olhar da linguística da enunciação, basta que para isso seja contemplado com referência às representações do sujeito que enuncia, à língua e a uma dada situação”. (FLORES, 2001, apud FLORES et al. 2008, p. 180).

Nessa perspectiva, compreendemos que o texto adquire o status de produto de uma enunciação, identificada como o próprio ato, no qual a língua é colocada em uso por um sujeito e convertida em discurso com a intenção de se comunicar. É essa a concepção que perpassa essa pesquisa e contempla a nova perspectiva do ensino da Língua Portuguesa, na qual a linguagem verbal constitui-se uma atividade e não um mero instrumento.

3.2 O exercício da linguagem e a construção de sentidos em comentários

A partir do final dos anos de 1980 e início da década de 1990, observa-se a rápida “popularização” da internet. Deflagra-se, por conseguinte, um vigoroso processo de consolidação dessa ferramenta entre as pessoas, tarefa relativamente simples, dada as facilidades impostas para a aquisição de computadores e as novidades que não param de surgir nos anos 2000, permitindo avanços tecnológicos significativos.

Esses avanços, por sua vez permitem, cada vez mais, as chamadas interações no ciberespaço e como resultado dessa cultura digital, observa-se, o aumento dos canais digitais destinados à interação das pessoas, dando origem a uma sociedade completamente interconectada, provocando o deslocamento do papel do usuário, que antes apenas consumia a informação e hoje passa a produzir um conteúdo digital. Dessa forma, o público não pode mais ser considerado um mero receptor/leitor de mensagens.

Exemplo disso são os espaços destinados a comentários na web, que proporcionam ao usuário uma forma de consumir uma mensagem e produzir um conteúdo sobre determinado assunto por meio de um mecanismo informal que substitui o diálogo face a face, mas conserva a prática dialógica entre os interlocutores.

Segundo Koche (2010), o comentário é caracterizado, em geral, como um gênero textual que analisa algum assunto, um fato ocorrido, uma questão polêmica, um filme etc. Trata-se de um texto curto, de base argumentativa, visto que uma das suas principais características se configura pela apresentação de um ponto de vista do locutor. Além disso, apresenta vocabulário e linguagem acessível, por sua extensão de natureza breve. Quanto à esfera de circulação, o comentário circula em sites de qualquer natureza (científica, jornalística, esportiva, rede social etc)

apresentando interpretação, análise ou crítica sobre o que foi lido. Portanto, trata-se de uma produção resultante da ação de um indivíduo numa prática comunicativa, dessa forma, são modeladas e remodeladas em processos de interação através dos sujeitos de determinada cultura.

Faz-se necessário salientar, no entanto, que neste estudo o comentário não será tratado pelas especificidades que o define como um gênero textual, visto que escolhemos a teoria da enunciação de Émile Benveniste como aporte teórico desta pesquisa e que, para o autor a linguagem é vista como prática social que se realiza materialmente na língua por meio do aparelho formal da enunciação.

Nessa perspectiva, o nosso olhar enquanto pesquisadora evidencia o comentário como prática discursiva que sinaliza a participação do usuário enquanto leitor-locutor de uma mensagem, que emite e compartilha opiniões, produzindo sentido à medida que assume a língua e se propõe como sujeito, implicando o outro (virtual) em seu dizer. Assim, o comentário conserva o seu caráter dialogal inerente ao conceito enunciativo, o que nos faz recordar Kristeva (in BENVENISTE, 2014) quando diz que as “teorias gerais” de Émile Benveniste “contribuem para sondar lógicas profundas que permeiam até nossas escritas digitais” (p. 31)

Dentre os vários textos de caráter dialogal e opinativo, interessa-nos o comentário pela sua pertinência aos estudos enunciativos, posto que o papel dos interlocutores e a situação em que se realiza, contempla a instância do sujeito em sua própria linguagem, que deixa a marca de sua intenção nessas relações. Nesse sentido, a teoria que dá embasamento a nossa pesquisa, “vê os fenômenos que estuda, sejam eles de natureza sintática, morfológica ou de qualquer outra, do ponto de vista de seu sentido” (FLORES, 2001 p.57).

, Além disso, a facilidade de acesso a esse texto torna-o útil em agregar conhecimento e interatividade e, apesar dos poucos estudos sobre esse gênero textual reconhecemos a sua colaboração na inclusão social, e na criação de valores, contribuindo, dessa forma para o desenvolvimento da sociedade.

Partindo destes pressupostos apresentamos o comentário também como uma enunciação de retorno, visto que em seu contexto de produção o locutor está em constante interação com o enunciado inicial (no nosso caso uma reportagem) e com os leitores-locutores do espaço no qual está inserido que também se enunciam.

Estas características singulares do comentário possibilitam situações comunicativas sempre novas, nas quais os arranjos sintagmáticos decorrentes do

colocar a língua em uso oportuniza ao locutor que se singularize na medida em que se apresenta como sujeito em situações diversas, adequando a ideia e produzindo sentido de acordo com o contexto enunciativo em que está inserido.

Sabendo, pois, que o homem se individualiza ao colocar a língua em uso, atribuindo sentido ao seu dizer através das escolhas sintagmáticas possíveis que são efetuadas nesse processo, encontramos na teoria da enunciação de Émile Benveniste fundamento que nos permite afirmar que a língua, através do aparelho formal da enunciação disponibiliza formas linguísticas que permitem o locutor tornar-se sujeito do seu discurso.

É importante salientar que Benveniste (2006) estabelece uma ordem hierárquica na passagem da língua para o discurso, visto que o ato enunciativo “introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação” (2006, p. 83). Assim, ao apropriar-se da língua, o sujeito se individualiza através do agenciamento de palavras, com vistas a algo que deseja comunicar.

Na teoria benvenistiana cabe à dêixis, a partir de uma referência interna, vincular o enunciado à realidade do discurso. Isso porque, para Benveniste (2005), a dêixis se caracteriza como uma forma vazia que se torna plena na medida em que é assumida no discurso por um sujeito com vistas a comunicar-se.

3.3 As categorias de pessoa, espaço e tempo na realidade do discurso

Como vimos anteriormente, os dêiticos revelam-se elementos que articulam um conjunto de referências implicadas em um ato discursivo, considerando os níveis pessoais, espaciais e temporais, assumidos por um sujeito e mobilizados em uma enunciação em função de dar significância a algo, visto que “cada instância de emprego de um nome refere-se a uma noção constante e ‘objetiva’, apta a permanecer virtual ou a atualizar-se num objeto singular, e que permanece sempre idêntica na representação que desperta” (BENVENISTE, 2005, p. 278). Essa proposição evidencia que no ato discursivo marcas subjetivas são encontradas revelando os parceiros interlocutivos e a dimensão espaço-temporal da instância discursiva.

Nesse sentido, compreender os mecanismos de funcionamento das categorias de pessoa, espaço e tempo é de fundamental importância no processo de discursivização e, conseqüentemente no desenvolvimento deste trabalho.

Segundo Benveniste (2005), a subjetividade na linguagem está relacionada à categoria de pessoa. A sua fundamentação para essa proposição está assentada nos estudos dos pronomes, mais especificamente no artigo “A natureza dos pronomes” de 1956, no qual o autor destaca o equívoco do tratamento unitário dessa classe, pois, segundo ele, trata-se de formas linguísticas que “não remetem nem a um conceito nem a um indivíduo” (BENVENISTE 1956 [2005], p. 288).

A categoria linguística de pessoa tradicionalmente é subdividida em três: a que fala (eu), com quem se fala (tu) e a de quem se fala (ele), no entanto, o linguista critica essa classificação, pois, segundo ele “é preciso [...] procurar saber como cada pessoa se opõe ao conjunto das outras e sobre que princípio se funda sua oposição, uma vez que não podemos atingi-las a não ser pelo que as diferencia” (2005b, p. 248 [Grifo nosso]).

Benveniste (2005) chama a atenção para o comportamento da terceira pessoa no discurso, visto que, para ele, trata-se de uma referência objetiva, “‘ele’ em si não designa especificamente nada nem ninguém” (BENVENISTE, 2005b, p. 253), não participando da cena enunciativa. No entanto, as marcas da primeira e da segunda pessoa implicam, concomitantemente, uma pessoa e um discurso sobre elas, fato que não ocorre com a terceira pessoa, posto que ela ocupa o lugar do ausente no discurso, sendo denominada por Benveniste (2005) como a “não pessoa”.

Dessa forma, Benveniste (2005) reconhece as formas linguísticas “eu” e “tu” como signos vazios, que só adquirem a sua plenitude quando são assumidos por alguém, referindo-se e significando especificamente à instância discursiva a que pertencem. No entanto, estas duas formas linguísticas não são consideradas de forma equânime, visto que o “eu” sempre terá prioridade sobre o “tu”, pois o homem se individualiza como sujeito ao assumir a língua instituindo-se como “eu” e instaurando diante de si um “tu” como seu alocutário. Nesse sentido, há uma ordem hierárquica, na qual cabe ao locutor instaurar o alocutário e a “não pessoa” em seu discurso, marcando o seu discurso com a sua subjetividade.

Benveniste (2005) cita duas características próprias das pessoas do discurso, unicidade e reversibilidade. Essas propriedades permitem que “eu” e “tu” designem um novo ser a cada enunciação e a troca de posições entre o “eu” e o “tu”, ou seja, o “eu” pode se tornar “tu” e vice-versa. A característica de reversibilidade está

intimamente associada à “condição de *intersubjetividade* única que torna possível a comunicação linguística” (BENVENISTE, 2005, p. 293), visto que

A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso. Por isso, eu propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco - ao qual digo tu e que me diz tu. (BENVENISTE, 2005, p. 293).

Nesse sentido, a intersubjetividade é fundamento da subjetividade, pois “eu” só digo “eu” me referindo a um “tu”, reconhecendo a existência do meu alocutário.

Outra questão importante na teoria benvenistiana recai sobre a forma linguística “nós”, visto que esse pronome indicaria a pluralização do “eu”. No entanto, Benveniste (2005) esclarece que as características de unicidade e reversibilidade não permitem uma pluralização das pessoas “eu” e “tu”, assim, “nós” não é um eu quantificado ou multiplicado, é um ‘eu’ dilatado além da pessoa estrita, ao mesmo tempo acrescido e de contornos vagos” (BENVENISTE, 2005, 258).

Numa relação dialógica, no entanto, as marcas de subjetividade não são exclusividade do nível pessoal. As categorias de espaço e tempo também figuram no quadro formal da enunciação, evidenciados pelo aqui/agora do ato discursivo. Desse modo, “o sujeito é que dispõe espaço e tempo, ou seja, ao expressar-se, ele ‘temporaliza’ os acontecimentos e os ‘espacializa’ (FLORES et al, 2008, p. 54).

Nessa perspectiva, as formas linguísticas indicativas de espaço também são responsáveis por “colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação” (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 84), indicando espaço do “eu” na instância do discurso. Assim, quando o locutor utiliza a língua e se propõe como sujeito (eu), implantando diante de si o outro (tu) como interlocutor, ele determina um espaço (aqui) da enunciação. Dessa forma, o espaço é organizado a partir de um ponto central, que é “Ego”. (BENVENISTE, 2006, [1965], p. 69). Logo, o espaço está relacionado a uma posição: a do eu.

As formas temporais também são determinadas em relação a ego e, dessa forma, o tempo “‘presente’, coincide com o momento da enunciação” (BENVENISTE, 2006, [1970], p. 85), pois “é o presente do próprio ser e que se delimita, por referência interna, entre o que vai se tornar presente e o que já não o é mais” (BENVENISTE, 2006, [1970], p. 85). No entanto, Benveniste considera apenas o tempo presente, aquele que coincide com o momento da enunciação, pois o passado e o futuro são tão somente referências ao agora estabelecido pela instância

enunciativa. Essa proposição benvenistiana só reforça o ineditismo do processo discursivo, evidenciado que a enunciação tem existência efêmera, existe apenas no instante em que é proferida.

Nesse entendimento, as categorias de pessoa, espaço e tempo apenas se efetivam na e pela enunciação, estabelecendo-se, portanto, como classes de signos que a enunciação “promove literalmente à existência” (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 86), determinadas pelo “eu/tu-aqui-agora” de cada enunciação.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta o percurso metodológico que trilhamos com vistas a atingirmos o propósito da nossa pesquisa. Inicialmente destacaremos a abordagem da pesquisa ressaltando a sua natureza qualitativa, de cunho exploratório, baseada em estudos de casos, sem esquecermos, contudo, que nesse estudo, conforme Benveniste (2006), consideramos “sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização” (BENVENISTE, 2006, p. 82), a fim de “esboçar, no interior da língua, os caracteres formais da enunciação a partir da manifestação individual que ela atualiza” (BENVENISTE, 2006, p. 82). Em seguida apresentamos como se deu o processo de constituição do *corpus* que culminou na seleção de seis comentários analisados neste estudo e, por fim, apresentamos o contexto enunciativo dos comentários analisados, visto que o comentário é um enunciado de retorno e reflete à priori, no caso do nosso estudo, uma opinião acerca de uma matéria/notícia veiculada no site em que os comentários foram coletados.

4.1 Abordagem da pesquisa

Para a realização deste estudo, com a intenção de atingir os objetivos propostos, optamos pela pesquisa de natureza qualitativa, de cunho exploratório, baseada em estudos de casos. A opção por esse tipo de pesquisa se dá porque trabalhamos com dados retirados do contexto real, no caso específico comentários veiculados em sites esportivos do Campeonato Brasileiro da Série A - 2016. Esse enfoque tem por finalidade não se constituir em previsão ou controle, mas a compreensão dos fenômenos analisados. Dessa forma, partimos de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Nesse sentido, compreendemos que a pesquisa qualitativa de cunho exploratório baseada em estudo de caso seja relevante porque em termos metodológicos é ela que nos possibilitará um olhar reflexivo e flexível sobre o processo de construção do sentido a partir da teoria enunciativa de Émile

Benveniste, tomando como base o uso dos dêiticos na produção do sentido. Além disso, nesse tipo de pesquisa, há a possibilidade de articular vários instrumentos e técnicas, abrangendo mais possibilidades de investigação. Segundo Chizzotti (2008), a pesquisa qualitativa “adota multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e, enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a ele” (p. 28). Esse procedimento visa buscar informações fidedignas para explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que se encontra o objeto de pesquisa. Segundo Alves-Mazzoti e Gewandszajder (2004).

À medida que os dados vão sendo coletados, o pesquisador vai procurando tentativamente identificar temas e relações, construindo interpretações e gerando novas questões e/ou aperfeiçoando as anteriores, o que por sua vez, o leva a buscar novos dados, complementares ou mais específicos, que testem suas interpretações, num processo de ‘sintonia fina’ que vai até a análise final. (p. 170).

Por conseguinte, a análise exploratória da amostra representativa previamente selecionada tem o objetivo de desenvolver ideias e hipóteses para a investigação em curso, nesse sentido, consideramos “sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização” (BENVENISTE, 2006, p. 82), seguindo a tentativa Benvenistiana de “esboçar, no interior da língua, os caracteres formais da enunciação a partir da manifestação individual que ela atualiza” (BENVENISTE, 2006, p. 82).

4.2 Constituição do corpus

O processo de escolha do corpus para análise iniciou-se com a observação de comentários em seções esportivas de três veículos de comunicação: <http://www.globo.com/>, <http://www.uol.com.br/> e <https://www.terra.com.br/>. A observação foi realizada entre os meses de abril e dezembro de 2016, período de realização do Campeonato Brasileiro de Futebol da série A (primeira divisão) ou simplesmente, Brasileirão como é conhecido popularmente.

Em busca de um recorte epistemológico, buscou-se por comentários alusivos ao Nordeste, como forma de perceber, por parte do locutor, a apropriação do aparelho formal da língua e a enunciação de sua posição, produzindo sentido e estabelecendo sua relação com o enunciado por meio dos dêiticos. Esse recorte epistemológico foi possibilitado pela presença de três times nordestinos, dentre os

vinte da série A do Campeonato Brasileiro de Futebol, a saber: Santa Cruz Futebol Clube e Sport Club do Recife, ambos representantes do estado de Pernambuco e o Esporte Clube Vitória, representante do estado da Bahia.

Os comentários, em princípio, foram motivados por reportagens que envolviam direta ou indiretamente os times do Nordeste. Os *links* das notícias que poderiam gerar comentários alusivos ao Nordeste foram salvos e monitorados ao longo de todo o período de observação (abril a dezembro de 2016), possibilitando assim que um maior número possível de comentários, em relação àquela reportagem, fosse observado e coletado, visto que, em determinados momentos, o que motiva um comentário é outro comentário e não mais a reportagem referente.

Nenhuma reportagem veiculada e monitorada no site <https://www.terra.com.br/> gerou qualquer tipo de comentário alusivo ao Nordeste, portanto, nosso corpus não contempla qualquer comentário desse site. Na seção esportiva do site <http://www.uol.com.br/> conseguimos flagrar apenas dois comentários alusivos ao Nordeste, que, ao final do nosso monitoramento não foram considerados para este estudo, pois estabelecemos como critério, *a priori*, a escolha de comentários que produzissem uma coenunciação, apresentando com mais nitidez a estrutura do diálogo, pois como afirma Benveniste (2006), “O que em geral caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (p. 87),

O maior número de comentários, portanto, foi observado na seção esportiva do site <http://www.globo.com/>, onde evidenciamos várias reportagens que motivaram vários comentários alusivos ao Nordeste.

Dessa forma, nosso corpus é constituído por seis comentários que foram motivados por apenas uma reportagem do site <http://www.globo.com/>. Nesses comentários buscamos demonstrar como o sujeito se singulariza e transmite a ideia do seu dizer por meio dos dêiticos pessoais, espaciais e temporais, considerando “o fato de que essas formas [...] não remetam à ‘realidade’ nem a posições ‘objetivas’ no espaço ou no tempo, mas à enunciação, cada vez única” (BENVENISTE, 2005, p. 280).

4.3 Contexto enunciativo dos comentários analisados

A reportagem⁹ que motivou os seis comentários analisados nesse estudo tem a seguinte manchete¹⁰:

Levir Culpi critica arbitragem por pênalti em Grafite: "Erro grosseiro"¹¹

21/05/2016 20h59 - Atualizado em 21/05/2016 22h03

Levir Culpi critica arbitragem por pênalti em Grafite: "Erro grosseiro"

Técnico do Fluminense diz que resultado é ruim, mas não deixa time abalado

A reportagem faz uma análise completa do jogo Fluminense x Santa Cruz, realizado no dia 21 de maio de 2016, pela segunda rodada do campeonato brasileiro. Nela, o técnico do Fluminense (time representante do Rio de Janeiro), Levir Culpi, critica a arbitragem do jogo por um pênalti marcado sobre o jogador Grafite, do Santa Cruz, time Pernambucano. Segundo o técnico, a penalidade seria inexistente, prejudicando, dessa forma, o time carioca. O jogo terminou com o placar em 2 x 2.

O texto motivou diversos comentários¹², dos quais selecionamos seis como *corpus* para nossa análise enunciativa. As análises foram realizadas separadamente, pois cada enunciado se constitui um acontecimento único, concorrendo para a sua realização um locutor, um alocutário, um espaço e um tempo determinados. Porém, organizamos um quadro geral apresentado ao final das análises com o intuito de apresentamos um panorama com as marcas dêiticas encontradas em cada fragmento analisado.

O objetivo do quadro foi apontar para o entendimento da dinâmica enunciativa em uma situação real de uso da língua portuguesa, a partir da concepção de linguagem como constitutiva do sujeito. Observamos ainda, que pela estrutura do comentário, a pessoa "eu" e o tempo enunciativo estão representados no enunciado

⁹ Disponibilizamos, nos anexos, a íntegra dessa reportagem

¹⁰ Título principal de uma notícia, exercendo a função de resumi-la em poucas linhas, com o objetivo de atrair o leitor para ler o texto.

¹¹ Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/fluminense/noticia/2016/05/levir-culpi-critica-arbitragem-por-penalti-em-grafite-erro-grosseiro.html>. Acesso em 11 de dez de 2016.

¹² Os comentários analisados estão disponíveis em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/fluminense/noticia/2016/05/levir-culpi-critica-arbitragem-por-penalti-em-grafite-erro-grosseiro.html>. Acesso em 11 de dez de 2016.

pelo nome do locutor (visto que os termos de uso¹³ do site vedam o anonimato) e pelo tempo em que o comentário foi disponibilizado no site, essa marca aparece logo abaixo do nome do locutor. Além disso, como todos os comentários são veiculados em um espaço destinado para essa finalidade, concebe-se o nível espacial como aquele em que se desenrola a cena enunciativa. No entanto, além dessas marcas inerentes à estrutura do enunciado, buscamos em nossas análises outras marcas linguísticas de pessoa, espaço e tempo no esforço de perceber os efeitos de sentido que elas manifestam no discurso.

¹³ Disponibilizamos os termos de uso nos anexos.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A enunciação, segundo Benveniste (2006), é definida como um ato individual de utilização da língua, supondo a sua conversão individual em discurso (p. 83). Nesse sentido, o ato enunciativo assume uma característica dialógica no momento em que o indivíduo assume a posição de locutor e instaura diante de si o outro como seu alocutário. Nessa perspectiva, assim como Flores e Teixeira (2005), acreditamos que os estudos da enunciação

[...] têm uma marca que os diferencia dos demais estudos linguísticos: em todas as versões, a enunciação apresenta-se como uma reflexão sobre o dizer e não propriamente sobre o dito. Estudar a enunciação é dirigir o olhar para o fato de o locutor ter dito o que disse e não para o dito em si. O estudo do dito, do enunciado, é relevante para que, por intermédio dele, se chegue ao dizer, à enunciação (p. 110).

A dêixis, na teoria Benvenistiana, é fundamento para a representação da subjetividade na linguagem, dessa forma, o locutor coloca a língua em funcionamento mobilizando certos sintagmas que farão a sua passagem de locutor a sujeito e servirão como marcas da sua presença na língua, evidenciando assim o seu ato de dizer. Logo, a existência e os sentidos desses elementos linguísticos são promovidos a partir de uma referência interna, a do ego.

Nesse contexto, verificamos como as escolhas linguísticas possíveis que o locutor realiza ao se apropriar do sistema, coloca-o em relação com o seu enunciado e constrói os sentidos em seu ato discursivo.

Ao utilizarmos a língua nos instauramos como sujeitos e implantamos um interlocutor diante de nós, determinando o tempo e o espaço desse contexto enunciativo, por outro lado, ao nos dirigirmos a nossos interlocutores pretendemos de alguma forma, agir sobre o outro, sobre nossos interlocutores. É com vistas a essa “significação intencionada” (BENVENISTE, 2006, p. 233) que o locutor se enuncia.

Nesse sentido, buscamos, nas análises seguintes, por essa “significação intencionada”, visto que “Cada locutor não pode propor-se como sujeito sem implicar o outro, o parceiro que, dotado da mesma língua, tem em comum o mesmo repertório de formas, a mesma sintaxe de enunciação e igual maneira de organizar o conteúdo” (BENVENISTE, 2005, p. 27).

5.1 Análise do Comentário 1

Paulo Trezeano

HÁ 8 MESES

esses nordestinos adoram um coitadismo. quero ver agora falar que o juiz roubou contra eles....volta pra série B Pernambuco que é teu lugar.

Nesse enunciado temos a instauração da categoria de pessoa através do “eu” presente na locução verbal “**quero ver**” denotando toda a subjetividade do enunciado: “[eu] quero ver agora falar que o juiz roubou contra eles...” Dessa forma, a linguagem funda, em sua instância discursiva, o conceito de ego, determinado pelo estatuto linguístico de pessoa – eu, visto que o locutor ao assumir a língua se propõe como sujeito do seu dizer. No entanto, “eu” só diz “eu” se dirigindo a um “tu”. Nesse sentido, toda alocação postula um alocutário, visto que o locutor(eu) ao se colocar como sujeito instala na instância discursiva um “tu” que “é necessariamente designado por eu e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do ‘eu’” (BENVENISTE, 2005, p. 250).

As marcas subjetivas “volta” e “teu” em “**volta** pra série B Pernambuco que é **teu** lugar” o locutor(eu) atualizam a segunda pessoa (tu) caracterizando-o por “Pernambuco”. Observe que a forma verbal “volta” é utilizada no imperativo “volta tu”, fato reforçado pelo uso do pronome pessoal “teu”, instaurando, dessa forma a presença do outro(tu) em seu discurso, revelando, assim, a “subjetividade” que se determina pelo status linguístico da ‘pessoa’” (BENVENISTE, 2005, p. 289).

Nesse caso, a mobilização dos dêiticos atualiza a linguagem e o parceiro interlocutivo, pois ao iniciar o seu discurso o locutor dirige-se aos leitores, de forma genérica, “esses nordestinos adoram um coitadismo”, o pronome demonstrativo “esses” exerce dupla função, pois, ao mesmo tempo em que instaura a terceira-pessoa no enunciado também funciona como um elemento que distancia o locutor(eu) dos nordestinos, aproximando-os do alocutário(tu), nesse caso, o alocutário(tu) está subentendido de forma genérica, são todos os leitores-locutores que compartilham da opinião do locutor(eu): “os nordestinos adoram um coitadismo”.

Temos, portanto, dois seres distintos designados como alocutários(tu): os leitores-locutores que compartilham o pensamento do locutor(eu) e “Pernambuco”. Em outras palavras, o locutor(eu), através dessas marcas linguísticas de subjetividade não só insere o outro em seu discurso como delas se utiliza para

estabelecer o seu diálogo com alocutários distintos, confirmando a característica da unicidade específica, próprias das pessoas eu/tu, posto que o "eu" e o "tu" são cada vez únicos (BENVENISTE, 2005).

A terceira pessoa (aquela de quem se fala) denominada por Benveniste (2005) como a “não pessoa”, ou seja, aquela “que não remete a nenhuma pessoa, porque se refere a um objeto colocado fora da alocação” (BENVENISTE, 2005, p. 292) também depende do locutor para existir, portanto essa forma do paradigma verbal “faz necessariamente parte de um discurso enunciado por ‘eu’” (BENVENISTE, 2005, p. 292). Nesse sentido, também se evidencia a “não pessoa” no discurso proferido pelo locutor(eu) por meio do adjetivo pátrio “nordestinos” em “esses **nordestinos** adoram um coitadismo”, fato reforçado pela presença da forma linguística “eles” em “quero ver agora falar que o juiz roubou contra **eles**...”. O pronome “eles”, nesse caso, é utilizado pelo locutor meramente como substituto de um termo do enunciado, apresentado anteriormente - “nordestinos”. Desse modo, o locutor(eu) revela que “a ‘terceira pessoa’ representa de fato o membro não marcado da correlação de pessoa” (BENVENISTE, 2005, p. 282), uma vez que “a ‘terceira pessoa’ tem por característica e por função constantes representar, sob a relação da própria forma, um invariante não pessoal, e nada mais que isso” BENVENISTE, 2005, p. 254).

Ao conceber uma referência objetiva aos nordestinos, colocando-os na condição de “não-pessoa”, o locutor não reconhece a sua alteridade no discurso, visto que a “ele” não enuncia, pois “está na posição do ausente, isto é, daquele que, numa dada enunciação não está designado para participar do diálogo nem para tomar a palavra” (AMORIM, 2001, p. 98).

Os pronomes demonstrativos, de acordo com a função desempenhada têm por finalidade indicar a posição dos seres no **tempo ou no espaço**, tendo as pessoas do discurso como referência, ou seja, o “eu” e o “tu”. Observa-se, portanto, que o locutor(eu) estabelece uma relação espacial ao utilizar o pronome demonstrativo “**esses**”, evidenciando o seu distanciamento da “não pessoa” (os nordestinos), posto que o pronome “esses” indica que “os nordestinos” estão próximos da pessoa com quem se fala, o alocutário(tu). A relação espacial também é configurada pela expressão “teu lugar” em “volta pra série B Pernambuco que é teu lugar”. O pronome “teu”, nesse caso, não indica posse, mas acentua o sentido de ironia e ofensa ao determinar o lugar reservado a Pernambuco no futebol

brasileiro, “a série B” e, por conseguinte, delimitar o espaço do locutor(eu) “a série A”, tendo em vista que cabe ao locutor(eu) situar esse espaço linguístico, colocando-se como centro de referência da localização. Nas palavras de Benveniste (2005), a instância espacial é “[...] coextensiva e contemporânea da presente instância de discurso que contém eu”. (p. 279).

É importante salientar que ao utilizar o termo “Pernambuco” para designar o time do Santa Cruz, o locutor(eu) implica não apenas o time tricolor na série B do campeonato brasileiro, mas todos os times pernambucanos, concretizando o sentido linguístico de que nenhum time de Pernambuco deveria estar na série A. Observa-se também, que o locutor estabelece um distanciamento em relação a “Pernambuco”, posto que o denomina como a terceira pessoa – ele, descaracterizando-o como pessoa e colocando-o fora do processo discursivo. Assim, o distanciamento estabelecido pelo locutor em relação ao “ele” – Pernambuco - adquire um novo sentido, a intenção do locutor, que denota todo o seu preconceito em relação ao estado de Pernambuco.

Outra questão interessante a se observar em relação à utilização do pronome “esses” é a noção de tempo. Segundo Benveniste (2006) “a temporalidade é um quadro inato do pensamento. Ela é produzida na e pela enunciação” (p. 85). Nesse sentido, a relação temporal estabelecida pelo “eu” ao utilizar o pronome “esses” pode indicar tanto o tempo passado quanto o tempo futuro, relativamente próximos ao momento da enunciação. A expressão “esses nordestinos” remete a um passado próximo ao ato enunciativo, visto que, quando o locutor(eu) se apresenta “quero ver falar **agora**” estabelece-se o presente, é o “agora” da enunciação. No entanto, esse presente é pensado em relação a um passado próximo, ou seja, “o discurso instaura um agora, momento da enunciação” (FIORIN, 2013, p. 126) e se relaciona a outros enunciados veiculados no site anteriormente a esse momento.

É importante salientar que o comentário é um enunciado de retorno, posto que é a partir de uma notícia veiculada em um site que o leitor-locutor se propõe a enunciar-se sobre determinados acontecimentos. Observe também que em relação à dinâmica que o site utiliza para promover uma discussão em relação às matérias veiculadas, em cada comentário estabelece-se, simultaneamente uma dupla cena enunciativa, visto que o locutor(eu) interage simultaneamente com a matéria veiculada pelo site e com os leitores-locutores desse espaço, que também se enunciam.

5.2 Análise do Comentário 2

Lucas Ramos

HÁ 8 MESES

Namoral é triste ver um comentário assim, o que tem haver futebol com cor ou lugar onde nasceu você deveria ter vergonha de falar isso chega até ser absurdo. esse seu comentário não representa a torcida do fluminense que é grande e existe em todos lugares do país sem discriminação ou preconceito Peço desculpas a toda torcida do tricolor de Pernambuco por esse tipo de pessoa ignorante.

Nesse enunciado, percebe-se que o locutor utiliza os dêiticos promovendo um encadeamento sintático na busca de uma coenunciação do interlocutor, conferindo à “linguagem o próprio instrumento da intersubjetiva” (BENVENISTE, 2005, p. 26), visto que, para Benveniste (2006) “toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação” (p. 84).

Quanto a esse aspecto, é importante afirmar que a intersubjetividade não se correlaciona apenas à noção de pessoa, uma vez que perpassa também as noções de tempo e espaço, pois, segundo Benveniste (2005), “A linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor **apropriar-se da língua toda** designando-se como eu” (p. 288 [Grifos nossos]). Nesse sentido, é de suma importância salientar que “[...] aqui e agora delimitam a instância espacial e temporal coextensiva e contemporânea da presente instância de discurso que contém eu”. (2005, p. 279), portanto, a intersubjetividade perpassa também as noções de tempo e espaço fundadas no e pelo discurso.

Dessa forma, no enunciado em análise, é possível constatar algumas marcas que indicam a presença do homem na língua e fundamentam o ponto de vista do enunciador como gerador de sentidos. O locutor inicia o seu discurso com o uso do termo “Namoral” (Na moral), que corresponde a uma locução adverbial de modo, ou seja, “com tranquilidade” e funciona como um fator de intersubjetividade entre o locutor (eu) e o “tu” instituído nesse momento, o leitor-locutor. O uso desse modalizador discursivo revela as circunstâncias em que o processo discursivo se desenvolverá, dessa forma, percebe-se que o locutor (eu) avalia o seu próprio enunciado: o que o locutor(eu) irá dizer a partir daquele momento foi pensado, elaborado com calma, tranquilamente. A esse respeito, Neves (2000) evidencia que a função primordial dos modalizadores consiste em

expressar alguma intervenção do falante na definição da validade e do valor de seu enunciado: modalizar quanto ao valor de verdade, modalizar quanto ao dever, restringir o domínio, definir a atitude e, até, avaliar a própria formulação linguística. (p. 244).

Outro fator que manifesta claramente a intersubjetividade no enunciado é o uso subvertido do “você” em “você deveria te[r] vergonha de falar isso”. Observe que o pronome de tratamento “você” funciona, nesse caso, como a segunda pessoa do discurso, aquele com quem se fala. Segundo Fiorin (2016), “você” substitui completamente a segunda pessoa (tu) e, conseqüentemente, na instância enunciativa, remete ao interlocutor. É importante observar que, nesse momento, o alocutário passa a ser um “tu” específico, o locutor não mais o caracteriza de uma forma genérica, o locutor especifica esse “tu”, nesse caso, o locutor do Comentário 1 (Paulo Trezeano), dialogando diretamente com ele. Dessa forma, o locutor (eu) reflete o próprio comportamento ao falar e agir pelo discurso sobre o seu interlocutor, ou seja, com a intenção de “transmitir-lhe um elemento de conhecimento, ou obter dele uma informação, ou dar-lhe uma ordem” (BENVENISTE, 2005, p. 139). Verifica-se ainda que o uso da forma “você” denota a intenção do locutor em buscar uma cumplicidade com o seu alocutário, apesar da evidente oposição ao seu discurso. O uso do “você” em consonância com o uso do modalizador “Namoral” revela que o locutor argumenta na busca da adesão do alocutário aos seus argumentos e, para isso, busca a cumplicidade do “tu”.

O uso da locução verbal “deveria te[r]”, bem como os pronomes demonstrativos “isso” e “esse” situam o discurso do “eu” em um tempo e um espaço definidos. Segundo Benveniste (2006), a enunciação é “um acontecimento diferente, ela não existe senão no instante em que é proferida e se apaga neste instante; é um acontecimento que desaparece” (BENVENISTE, 2006, p. 231). Nesse entendimento, a enunciação é pautada pelo seu ineditismo, visto que se refere a um evento cada vez único. Nesse contexto, observa-se que o tempo, pertencente ao domínio do discurso e coextensivo do “eu” é instalado implicitamente por meio da referência temporal do passado em “deveria te[r]”, visto que o “agora” é o tempo presente do discurso, em que “eu” faz uso da palavra. Assim,

O presente linguístico é o fundamento das oposições temporais da língua. Este presente que se desloca com a progressão do discurso, permanecendo presente, constitui a linha de separação entre dois outros momentos engendrados por ele e que são igualmente inerentes ao exercício da fala: o momento em que o acontecimento não é mais contemporâneo do discurso, deixa de ser presente e deve ser evocado pela memória, e o momento em que o acontecimento não é ainda presente, virá a sê-lo e se manifesta em prospecção (BENVENISTE, 2006, p. 75)

Desse modo, a organização linguística do tempo se dá de forma a estabelecer o momento da enunciação como eixo norteador, evidenciado pela forma temporal do presente do indicativo “peço” em “Peço desculpas”, instituindo, dessa forma, o agora da enunciação em torno do ego “[Eu] peço desculpas”. Em consequência disso, no enunciado em análise evidenciamos que o locutor se refere a algo que não é contemporâneo ao seu discurso, carecendo ser evocado pela forma temporal do verbo no passado “deveria te[r]”.

Quanto aos pronomes demonstrativos “isso” e “esse” em “deveria te[r] vergonha de falar **isso**” e “Peço desculpas a toda torcida do tricolor de Pernambuco por **esse** tipo de pessoa ignorante” evidenciamos que os mesmos devem ser analisados separadamente, visto que em cada ocorrência provoca um efeito de sentido distinto em relação à instauração do espaço e da não pessoa, exercendo, dessa forma, uma dupla função linguística.

O demonstrativo “isso”, presente em “você deveria te[r] vergonha de falar **isso**” estabelece um distanciamento espaço-temporal entre o locutor(eu) e o alocutário(tu), fazendo referência a uma informação previamente informada no Comentário 1 e que, no agora da enunciação está fora do alcance do “eu”. Auxiliando, dessa forma, na construção do sentido de que o locutor (eu) se opõe ao enunciado proferido anteriormente pelo alocutário(tu). Observe que, concomitante a isso, o locutor implanta a não pessoa, pois “isso” é de quem se fala. Segundo Benveniste (2005), “a ‘terceira pessoa’ representa de fato o membro não marcado da correlação de pessoa” (p. 282). Nesse sentido, a não pessoa será reconhecida apenas em um contexto enunciativo. O “ele”, ou a não pessoa, marca o lugar do ausente, daquele que terá referência única e não será designado no e pelo discurso.

O uso do demonstrativo “esse” evidenciado em “Peço desculpas a toda torcida do tricolor de Pernambuco por **esse** tipo de pessoa ignorante”, acentua a busca de uma “cumplicidade” do locutor (eu) com o interlocutor (tu), visto que o

locutor(eu) se coloca como responsável pelo comentário proferido anteriormente, revelando que o seu enunciador é uma “pessoa ignorante” e denotando o sentimento de desprezo por ele, conferindo-lhe referência objetiva e, conseqüentemente, não reconhecendo a sua alteridade no discurso.

5.3 Análise do Comentário 3

Hélio Sales

HÁ 8 MESES

KKKKK, desculpas aceita aos verdadeiros torcedores do Flu. Nós nordestinos não nos sentimos coitados, mas você, Paulo Trezeano, sim, é um pobre coitado de mentalidade pequena, que em pleno século XXI tem a ideia de separação regionalista. Melhore seu discurso, pois esse não cola nem ofende mais. ;-). Visite Pernambuco, e seu (pré)conceito de "coitadismo" irá por água abaixo (y).

No terceiro enunciado a expressão “desculpas aceita[s]” introduz o “eu” como sujeito e institui um “tu” ao qual se dirige numa atitude ativa responsiva, visto que, no enunciado anterior o leitor-locutor Lucas Ramos formaliza um pedido de desculpas à toda torcida do tricolor de Pernambuco. Nesse sentido, Benveniste (2006) revela que quando “eu” diz “eu” não pode deixar de falar dele mesmo. Nesse caso, o locutor(eu) revela em sua enunciação a sua condição de torcedor do tricolor de Pernambuco, e mais, no decorrer do enunciado “[...] desculpas aceita[s] **aos verdadeiros torcedores do Flu**” o locutor (eu) também revela a sua percepção sobre o “tu”, pois o adjetivo “verdadeiro” manifesta um valor semântico, contribuindo para dissociar a imagem do torcedor da imagem daquele que se utiliza da sua condição para disseminar ideias preconceituosas. Dessa forma, o locutor (eu) institui um vínculo de identificação entre as torcidas do Santa Cruz e do Fluminense que, apesar de estarem em lados opostos não conferem legitimidade ao discurso realizado pelo locutor do Comentário 1 (Paulo Trezeano).

A não-pessoa, referência objetiva e constante no discurso, é caracterizada nos seguintes fragmentos do enunciado: “[...] Melhore **seu** discurso, pois **esse** não cola nem ofende mais [...]”, pelos pronomes “seu” e “esse”, Observe que, mesmo diante da atualização linguística da segunda pessoa “tu”, a não-pessoa permanece objetiva durante toda a enunciação, visto que, conforme Benveniste (2005), a primeira e a segunda pessoa estão implicadas no discurso, enquanto a terceira pessoa, ou a não-pessoa, dele não participa.

A forma pronominal “nós” (extensivo ao pronome oblíquo “nos”) em “Nós nordestinos não nos sentimos coitados” refere-se tanto ao locutor(eu) como ao leitor-locutor, de forma genérica, visto que “A unicidade e a subjetividade inerentes a *eu* contradizem a possibilidade de uma pluralização” (FLORES et al., 2008, p. 79). Assim, “‘nós’ não é um eu quantificado ou multiplicado, é um ‘eu’ dilatado além da pessoa estrita, ao mesmo tempo acrescido e de contornos vagos” (BENVENISTE, 2005, 258). Observa-se, portanto, que ao fazer a escolha por esses sintagmas (“nós” e “nos”) o locutor (eu) busca uma cumplicidade com o seu alocutário, pois, juntamente com o “tu” por ele instituído, forma uma totalidade, colocando-se a si mesmo e o outro como nordestinos, denotando a ideia de pertença a essa região. Nesse sentido, o locutor(eu) enfatiza a intersubjetividade, marcando, por conseguinte, a sua presença e a do outro em seu enunciado.

No trecho “[...] mas você, Paulo Trezeano, sim, é um pobre coitado de mentalidade pequena” o locutor(eu), com o uso subvertido do pronome “você”, atualiza a segunda pessoa “tu” no ato discursivo, evidenciando que os pronomes pessoais e os que assim se comportam têm como referência a situação de discurso e que cada ato enunciativo é único, possibilitando a atualização da língua pela enunciação.

Observa-se, no entanto, que o locutor(eu) também utiliza a forma nominal vocativa para se referir a esse “tu”: “Paulo Trezeano”, esse recurso reforça a tese benvenistiana (2006) de que uma das funções da língua é a de descrever e denominar a realidade em um contexto enunciativo.

Identifica-se, assim, a ação do locutor(eu) que assume a língua e a transforma em discurso, significando para o outro, o alocutário, sempre situado em um contexto enunciativo, visto que o modo de apresentação do objeto será apreendido coletivamente. Nesse sentido, Benveniste (2005) esclarece que,

Entre eu e um nome referente a uma noção lexical, há não apenas as diferenças formais, muito variáveis, impostas pela estrutura morfológica e sintática das línguas particulares. Há outras, que se prendem ao próprio *processus* da enunciação linguística e que são de uma natureza mais geral e mais profunda. O enunciado que contém eu pertence a esse nível ou tipo de linguagem a que Charles Morris chama pragmático, e que inclui, com os signos, aqueles que os empregam. (p. 278)

Desse modo, mesmo quando o “eu” faz uso do vocativo pessoal em relação a um “tu” não há a possibilidade dessa referência nominal ser objetiva e idêntica para

todos os locutores, visto que essas referências são moldadas conforme a situação e a necessidade no ato enunciativo, pois, conforme Flores (2008) “Atribuir referência a um é atribuir a referência a outro [...]” (p. 52).

Destacamos ainda, outras marcas de subjetividade no enunciado, a exemplo do uso do sintagma “seu” em: “Melhore **seu** discurso, pois esse não cola nem ofende mais” e “[...] e **seu** (pré)conceito de ‘coitadismo’ irá por água abaixo (y)”. Observa-se nesse caso, que o uso do sintagma “seu” atualiza a segunda pessoa, tomando o sujeito como ponto de referência, atribuindo unicamente ao alocutário a responsabilidade pelo seu discurso.

Ao analisarmos os verbos deste enunciado nos deparamos com as formas “melhore” e “visite”. Vejamos: “**Melhore** seu discurso, pois esse não cola nem ofende mais” e “**Visite** Pernambuco, e seu (pré)conceito de ‘coitadismo’ irá por água abaixo”. Essas formas verbais manifestam um valor injuntivo, revelando a posição de superioridade em que o locutor (eu) se coloca em seu discurso e, conseqüentemente a obrigação do seu interlocutor em atender às suas proposições.

A noção espaço-temporal também se configura na instância do discurso como marca da subjetividade, revelando o aqui-agora da enunciação, sendo expressa principalmente pelas categorias dos verbos e dos pronomes. No comentário em análise evidenciamos que ao se propor como sujeito, o locutor(eu) instaura um “tu” e passa a agir no aqui-agora da enunciação.

Assim, ao utilizar a expressão “em pleno século XXI” o locutor (eu) se insere em um tempo presente, no século XXI, denotando que as ideias do locutor do comentário 1 são ideias que existiram em outra época e não cabem mais na atualidade, contemporânea ao discurso do “eu”.

5.4 Análise do Comentário 4

Adner Lopes

HÁ 8 MESES

Paulo Trezeano, provavelmente você não conhece nosso nordeste, achasse mais inteligente que nós? Mas sua opinião mostra que vc não é digno de pisar no meu nordeste. Com certeza era para ser proibido de postar seus comentários inúteis !

No comentário 4 evidenciamos que o locutor (eu) inicia a sua enunciação com o vocativo nominal “Paulo Trezeano” seguido pelo uso subvertido do pronome “você”, instituindo o seu alocutário no seu discurso. Assim, ao reconhecer o “tu”

como seu alocutário, o locutor (eu) constitui-se como sujeito do seu dizer, evidenciando o processo intersubjetivo que só pode ser determinado através do outro. Com esses recursos o locutor (eu) busca uma proximidade com o seu interlocutor. Esta tentativa, no entanto, objetiva a aceitação pelo “tu” do discurso proferido pelo “eu”, visto que o princípio de reversibilidade apenas se concretiza quando o par “eu-tu” aceita e se identifica com o mesmo.

Ao longo do seu discurso o locutor (eu) faz uso de dois modalizares, expressos pelo advérbio “provavelmente”, em “[...] **provavelmente** você não conhece nosso nordeste” e pela locução adverbial “com certeza” em “**Com certeza** era para ser proibido de postar seus comentários inúteis!”. Esses elementos linguísticos também funcionam como marcas de subjetividade no discurso, agindo como indicadores de intenções do “eu”, visto que esses sintagmas estão inseridos no campo do saber e do dever, denotando um discurso autoritário, pois restringem as chances do alocutário discordar dos fatos apresentados pelo “eu”. Observe que o efeito de sentido produzido pelo uso dos modalizadores é construído a partir da forma amistosa com que o locutor introduz o outro no seu discurso, ele primeiro busca uma aproximação do “tu” objetivando a aceitação do seu discurso por seu alocutário para, só então, impor a sua opinião. Nesse sentido, o uso do “provavelmente”, classificado morfologicamente como um advérbio de dúvida e, portanto, sendo sintaticamente classificado como um adjunto adverbial tem seu sentido ampliado para chamar a atenção da falta de conhecimento do interlocutor, na verdade, esse sintagma tem seu uso subvertido, atuando no campo do saber e não da dúvida. Já a locução adverbial “com certeza”, assume, no discurso, uma posição de censura, marcando o sujeito em referência a sua intencionalidade, visto que o sujeito se apropria da língua e usa esse modalizador não para proferir uma “certeza”, mas para censurar a atitude do seu interlocutor.

Quanto ao uso dos pronomes, observamos duas construções sintáticas bastante específicas, vejamos: “**nosso** nordeste” e “**meu** nordeste”. No primeiro caso, o pronome possessivo “nosso” indica um plural exclusivo (eu, pessoa + ele(s), não pessoa), evidenciando a intencionalidade do sujeito em excluir dessa relação de pertencimento ao Nordeste o tu (Paulo Trezeano). Quanto ao uso do pronome possessivo singular “meu”, como já referimos anteriormente, revela a língua sendo assumida por um locutor que se declara “eu” e implanta diante de si o seu interlocutor “tu”, no entanto, o pronome possessivo no singular em oposição ao uso

do pronome possessivo no plural depreende o sentido de pertencimento do “eu” a uma região, o “Nordeste”.

Em relação ao uso dos pronomes possessivos “sua” e “seu”, em “Mas **sua** opinião mostra que vc não é digno de pisar no meu nordeste” e “Com certeza era para ser proibido de postar **seus** comentários inúteis!”, observa-se que estes caracterizam a implantação da “não-pessoa” em cenas enunciativas distintas.

No caso dos verbos também tem-se ocorrências distintas: “conhece” e “era” em: “[...] provavelmente você não **conhece** nosso nordeste [...]” e “Com certeza **era** para ser proibido de postar seus comentários inúteis”. O primeiro caso indica a atualização da segunda pessoa, mas na segunda ocorrência, funda-se um tempo específico da enunciação, visto que a enunciação é o tempo presente, coextensivo a ego, expressando a impossibilidade da não realização do ato.

5.5 Análise do Comentário 5

Carlos Passos

HÁ 08 MESES

Esses times do rio são engraçados. No gol de Gum, o Gerson estava impedido. No pênalti em grafite eu não marcaria, mas houve um toque do epwellington nele. Para de chorar ! Os times do nordeste são sempre roubados.

Segundo Benveniste (2005), o ato da enunciação introduz aquele que fala em sua fala. No comentário 5 encontramos a presença do locutor (eu) através do pronome pessoal “eu”, em “No pênalti em grafite **eu** não marcaria”. Nitidamente, através desse enunciado, comprova-se a relação dialógica que o locutor (eu) estabelece com a reportagem veiculada pelo site (tu) que discute um suposto erro do árbitro ao marcar um pênalti sofrido pelo jogador Grafite. O locutor (eu) utiliza-se da negativa do verbo flexionado na primeira pessoa do singular “marcaria”, a fim de expressar a sua discordância da atitude do árbitro da partida que marcou o pênalti.

Na medida em que o “eu” se enuncia convoca um “tu” a partilhar suas reflexões, movimento que garante à categoria de pessoa o princípio de reversibilidade, visto que este só se efetiva quando as pessoas do discurso (eu e tu) aceitam e se identificam com o discurso proferido pelo “eu”. Desse modo, percebemos a atualização da segunda pessoa com o uso da expressão “Para de chorar !”, quando o locutor (eu) passa a dialogar com o leitor-locutor (tu) que se

posicionavam contrários à marcação do pênalti. Essa ação evidencia a presença do locutor (eu) realizando as suas escolhas lexicais ao convocar o seu parceiro enunciativo. Essa expressão (Para de chorar!) também modaliza a afirmação, estabelecendo a sua ação como obrigatória, expressando a sua relação com o mundo, porém um mundo coconstruído entre os interlocutores da cena enunciativa.

A não-pessoa (ele) possui referência objetiva na língua, não participando ativamente do processo comunicativo, visto que lhe falta as características de “unicidade específica” e “reversibilidade”, condições indispensáveis ao processo de intersubjetividade. No entanto, no enunciado em análise a terceira pessoa é atualizada de acordo com a situação na qual o locutor (eu) se insere na instância do discurso, postulando cenas enunciativas distintas. Caracterizamos, dessa modo, três situações discursivas distintas que permitem a atualização da não-pessoa, a saber: 1) “Esses times do rio são engraçados”; 2) “[...] **o Gerson** estava impedido”; 3) “No pênalti em **grafite** eu não marcaria, mas houve um toque do epwellington **nele**”; 4) “**Os times do nordeste** são sempre roubados”. Essas marcas linguísticas também indicam a presença do locutor no discurso, visto que cabe a ele descrever e qualificar determinado ser ou situação. No entanto, essas escolhas linguísticas só têm significado no discurso.

As categorias de espaço e tempo também revelam de forma mais evidente a relação do locutor com a língua. No enunciado em análise não caracterizamos marcas explícitas de espaço, no entanto, segundo Benveniste (2005), a organização e a expressão do espaço discursivo são ordenados a partir do lugar do “eu”, portanto, não se trata de um espaço físico, mas aquele relativo ao ato enunciativo.

Benveniste (2006) revela que é pela língua que o tempo se manifesta e, por isso, centra-se no instante da fala, considerando a efemeridade da enunciação, pois “O presente é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível” (BENVENISTE, 2006, p. 85). No enunciado em análise observamos a maioria dos verbos no passado (marcaria, estava e houve), com exceção do verbo “ser” utilizado no presente do indicativo (são) e do verbo “parar”, no imperativo afirmativo (para). Segundo Benveniste (2006) o verbo, bem como a pessoa verbal “Não pode comportar nenhuma forma virtual e objetiva” (p. 281), portanto, além das variações de pessoa, o tempo também é resultado dessa atualização linguística. Desse modo, percebemos que o locutor resgata informações que não são contemporâneas ao seu discurso para,

posteriormente expressar a sua avaliação sobre esses fatos no agora da enunciação. Essa avaliação vem por meio das seguintes expressões: “Esses times do rio **são** engraçados” e “Os times do nordeste **são** sempre roubados”. Avaliações que abrem e fecham, respectivamente, o enunciado do locutor (eu) caracterizando um movimento de causa e consequência.

5.6 Análise do Comentário 6

Cleiton Lima

HÁ 08 MESES

EU SOU NORDESTINO COM MUITO ORGULHO, POSSO ENTRA NOS BAIRTIS DA MINHA CIDADE A HORA QUE QUISE, SEM QUE SEJA CINFUDIDO COM UM POLÍCIAL E SEJA MORTO A BALAS! Amigo não tenho nada contra os cariocas nem contra sua cidade mas vc deveria analisar onde vc moro um estado falido entregue ao crime E não costumo olha na tv, eu vi isso pessoalmente O Rio de Janeiro está parecendo o BAIRRO 13 Ou 13 distrito

Nesse enunciado, o locutor marca a sua posição de sujeito por meio das marcas linguísticas “eu sou”, “posso”, “seja”, “não tenho”, “não costumo” “eu vi”. Nestas inscrições podemos perceber o locutor (eu) instaurando-se como sujeito e convocando um “tu” como seu alocutário, expressando a sua relação discursiva com o mundo construído no e pelo discurso, visto que os dois se implicam mutuamente na realidade do discurso, pois, segundo Benveniste (2005), “eu propõe outra pessoa, aquela que, sendo exterior a mim, torna-se meu eco, ao qual digo tu e que me diz tu” (p. 286). Nesse sentido, o “tu” se caracteriza em contraste ao “eu”, sendo revelado no discurso por meio da oposição estabelecida pela marca “MINHA”, pois se existe algo que pertence a “mim” é em oposição a algo que pertence a “tu”. Nesse caso, o “tu” implantado no discurso pelo “eu” aparece de forma genérica, visto que o comentário se configura como um enunciado de retorno e o locutor (eu) está em constante interação com os leitores desse espaço.

O “tu” também aparece na cena enunciativa sob a forma do vocativo “Amigo”. Nesse caso, o sentido dado pelo sujeito não está relacionado a um apelo, a um chamamento, mas intencionando atribuir ao enunciado um tom de ironia, que se explicita como marca do locutor na atualização da palavra, graças ao fenômeno da dupla significância da língua, no qual os signos tornam-se palavras que comportam forma e sentido e, portanto, expressam o que desejam os interlocutores,

Como já informamos anteriormente, a não-pessoa também constitui-se uma marca de subjetividade, visto que também depende do locutor (eu) para existir, no entanto, trata-se do

[...] único modo de enunciação possível para as instâncias de discurso que não devem remeter a elas mesmas, mas que predicam o processo de não importa quem ou não importa o que, exceto a própria instância, podendo sempre esse não importa quem ou não importa o que ser munido de uma referência objetiva (BENVENISTE, 2005, p. 282)

Nesse entendimento, a não-pessoa no enunciado em análise se caracteriza pelas formas linguísticas “os cariocas” e “Rio de Janeiro”, em “Amigo não tenho nada contra **os cariocas** nem contra sua cidade” e “O Rio de Janeiro está parecendo o BAIRRO 13 Ou 13 distrito”. Estabelecendo cenas enunciativas distintas.

Quanto às marcas de temporalidade no enunciado, verifica-se que o locutor (eu) utiliza predominantemente o presente do indicativo (sou, posso, não tenho, moro, vi, está) evidenciando a simultaneidade da sua fala com a situação de discurso.

A situação espacial dessa cena enunciativa é conhecida, visto que se trata de um comentário veiculado em um site esportivo, desse modo, mesmo não sendo caracterizado nenhum dêitico capaz de organizar e situar o espaço enunciativo, como os demonstrativos e os advérbios espaciais, podemos conceber esse espaço enunciativo, visto que não se trata de um espaço físico e sim o espaço onde se desenvolve a cena enunciativa.

5.7 Panorama das dêixis investigadas

DÊIXIS		COMENTÁRIOS					
		1	2	3	4	5	6
PESSOAL	PESSOA	Paulo Trezeano (eu)	Lucas Ramos (eu)	Hélio Sales (eu)	Adner Lopes (eu)	Carlos Passos (eu)	Cleiton Lima (eu)
		Leitor (tu)	Leitor (tu)	Lucas Ramos (tu)	Paulo Trezeano (tu)	Leitor (tu)	Leitor (tu)
		Pernambucanos (tu)	Paulo Trezeano (tu)	Paulo Trezeano (tu)	Leitor (tu)		Paulo Trezeano (tu)
	Não-pessoa		Torcida do Santa Cruz (tu)	Leitor (tu)			Amigo (tu)
		Esses Nordestinos	Isso	Seu discurso	Sua opinião	Esses times do Rio	Os cariocas
			Torcida do Fluminense	Esse	Seus comentários	O Gerson	Isso
			Esse			Grafite	Rio de Janeiro
						Nele	
						Os times do Nordeste	
ESPACIAL	Série B						
TEMPORAL	Agora	Peço	Em pleno século XXI	Conhece	São	Sou	
		Deveria ter		Era	Marcaria	Posso	
					Estava	Vi	
					Houve	Não tenho	
						Não costume	
						Está	

Quadro 02: Panorama das dêixis analisadas

O panorama ora exposto revela as categorias de tempo e espaço, responsáveis pela atualização do sistema linguístico, configurando-se em função da categoria de pessoa, visto que, apenas ao assumir a língua e colocá-la em funcionamento, o locutor constitui-se sujeito, assumindo a sua posição pelo discurso e gerando um centro de referência interno. Compreende-se, pois que os elementos dêiticos têm os seus sentidos promovidos a partir de “ego” e funcionam como um indicador da subjetividade no discurso.

Essa concepção de referência caracteriza os dêiticos como estruturas abstratas e complexas, que articulam forma e sentido, o que lhes conferem uma dupla função na linguagem e relaciona-os ao processo de enunciação. Nesse sentido, os dêiticos só adquirem significação no ato da enunciação, estando vinculados ao discurso, dessa forma, não pertencem a uma realidade determinada.

As formas pronominais, verbais e temporais - que comportam as categorias dêiticas de pessoa, de espaço e de tempo, respectivamente, revelam os interlocutores do processo enunciativo (locutor e alocutário), a situação da enunciação, tempo e espaço desses falantes, revelando, dessa forma, “o homem na língua” que deixa as suas marcas na linguagem, subjetivando-se. no e pelo discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso propósito foi investigar a dêixis na construção de sentidos em comentários alusivos ao Nordeste em sites esportivos, tendo como base a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, considerando as implicações do seu uso no ensino da Língua Portuguesa. Diante de nossos questionamentos verificamos que as respostas às questões foram respondidas e os objetivos alcançados.

Nessa perspectiva, nosso *corpus* se compôs por seis comentários coletados na seção esportiva do site <http://www.globo.com/>. Para a coleta e delimitação do corpus selecionamos comentários de notícias/reportagens do Campeonato Brasileiro da Série A – 2016 que faziam alusão ao Nordeste, a fim de compreendermos como o sujeito se apropria da língua com vistas a expressar sentidos sempre únicos, que o mundo da enunciação promove à existência, possibilitando modos de se conceber a linguagem em uso e, portanto suas implicações metodológicas no ensino da língua portuguesa.

O trabalho guiou-se no intuito de promover subsídios para alcançarmos nossos objetivos. Desse modo, em um primeiro momento buscamos realizar um estudo sobre a teoria que deu embasamento à nossa pesquisa, a teoria da enunciação de Émile Benveniste, para isso, analisamos as contribuições do pensamento saussuriano para a elaboração do esquema teórico sobre a significância na linguagem defendido por Émile Benveniste, enfatizando as relações possíveis de um pensamento embrionário na teoria saussuriana sobre o sentido e a referência e sua implicação na concepção da dêixis na instauração de sentidos no enunciado. Além disso, apresentamos as concepções benvenistianas sobre a enunciação ressaltando as relações entre a (inter)subjetividade na linguagem e o sentido, visto que a perspectiva de entendimento de língua/linguagem em Benveniste presume esta sob a ação do homem, assumindo características dialógicas, na qual um locutor se propõe como sujeito e implanta diante de si o outro, exigindo uma resposta e tornando possível a comunicação humana. O segundo momento, que nos auxiliou a compreender o texto como um ato enunciativo, aconteceu a partir das discussões que trouxemos sobre o texto, o enunciado e o ensino da Língua Portuguesa.

Por meio da análise dos seis comentários que empreendemos nesta pesquisa percebemos que os dêiticos, em seus níveis pessoal, espacial e temporal, em um

viés semântico, perpassa, em primeira instância, a apropriação da língua por um indivíduo, instaurando, dessa forma, a subjetividade na linguagem, visto que é o “eu” quem institui um “tu”, um “aqui” e um “agora” da enunciação, mesmo concebendo que no discurso essas marcas estejam intimamente relacionadas. Desse modo, verificamos que o sujeito se apropria da língua com vistas a expressar sentidos sempre únicos, que o mundo da enunciação promove à existência, o que nos proporcionou uma reflexão sobre a língua em uso e a sua função mediadora, possibilitando modos de se conceber a linguagem e suas implicações metodológicas no ensino da Língua Portuguesa.

Em nossa análise enunciativa verificamos a situação discursiva e os meios que o sistema linguístico dispõe para que o indivíduo faça a passagem de locutor a sujeito da enunciação, o que possibilita a instauração do quadro formal da enunciação: eu/tu-aqui-agora, permitindo ao sujeito, através das escolhas sintagmáticas possíveis, levar o interlocutor a coenunciar, isto é, a partilhar as suas reflexões que são construídas no e pelo discurso.

Nesse entendimento, observamos que os dêiticos (pessoais, espaciais e temporais), só são identificados na realidade do discurso, denotando a presença do homem na língua e lhes conferindo sentido, uma vez que estão submetidos à subjetividade do seu enunciador.

O comentário se configura como um texto opinativo fazendo com que, necessariamente, reflita a ideia de um locutor que mobiliza o aparelho formal da enunciação na busca de uma coenunciação do seu alocutário. Trata-se de um texto curto, escrito em linguagem informal em um espaço determinado para esse fim, conservando a prática dialógica entre os interlocutores.

Apesar dos comentários ocorrerem sobre uma temática comum e contemporânea entre si, observamos cenas enunciativas diversas, uma vez que os sujeitos implicados, o tempo e o espaço divergem, tendo como consequência a análise individual de cada comentário.

Vimos, no primeiro comentário, que o locutor, ao mobilizar os dêiticos estabelece a sua percepção sobre os nordestinos e Pernambuco, seja pelo local destinado a Pernambuco no Campeonato Brasileiro, a série B, seja destituindo “os nordestinos” da categoria de pessoa, pois ao dar-lhe uma referência objetiva, colocando-o na condição de “não-pessoa”, o locutor não reconhece a sua alteridade no discurso. Nos demais enunciados observamos os locutores mobilizando o

sistema linguístico com vistas a uma atitude crítica, ativo-responsiva dessas ideias construídas no e pelo discurso. Identificamos possibilidades em que o sujeito mobiliza os dêiticos para modalizar o seu discurso, avaliando o seu próprio enunciado, como no Comentário 2, ou denotando um discurso autoritário ao restringir as chances do alocutário discordar dos fatos apresentados pelo “eu”, no comentário 4. Além disso, constatamos nos comentários 3 e 4, a característica singular do nome próprio na teoria benvenistiana, visto que esse recurso também confere subjetividade à linguagem. Assim, o “eu” significa para o outro, o alocutário, sempre situado em um contexto enunciativo, posto que o modo de apresentação do objeto será apreendido coletivamente. Observamos também, as diversas cenas enunciativas que se caracterizam com a instalação de “não-pessoas” distintas no enunciado, caracterizadas, principalmente nos enunciados 5 e 6.

Quanto à situação espaço-temporal, verificamos que esses elementos, apesar de conhecidos de antemão, visto que a apresentação dos comentários no site traz o tempo de publicação e estão veiculados em um espaço em que se desenrola a cena enunciativa, também podem ser identificados pelo uso dos dêiticos, apesar de termos localizado apenas um dêitico espacial, no comentário 1.

A teoria da enunciação, proposta por Émile Benveniste, considera o sujeito como aquele que enuncia e deixa as suas marcas naquilo que diz, tornando-se, por conseguinte, elemento fundamental na construção de sentidos no discurso. Nessa perspectiva, compreendemos que os estudos da enunciação além de contribuir, de forma significativa para a linguística moderna, apresentam possibilidades teórico-metodológicas para o ensino da Língua Portuguesa no Brasil, visto que a concepção do ensino da língua materna reconhece o texto como um processo ativo de construção de sentidos, necessitando da interação de seus interlocutores.

Ressaltamos, no entanto, que o trabalho enunciativo do texto nas aulas de Língua Portuguesa demanda, por parte do professor, a compreensão dos fenômenos linguísticos a partir da concepção da língua em uso, assumindo características dialógicas, na qual um locutor se propõe como sujeito e implanta diante de si o outro, exigindo uma resposta e tornando possível a comunicação humana.

Acreditamos que o avanço desta pesquisa e o aprofundamento dos diversos conceitos da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste possam proporcionar uma reflexão sobre a língua em uso e a sua função mediadora, repercutindo no campo da

formação de professores de línguas, o que possibilitará modos de se conceber a linguagem e suas implicações metodológicas no ensino de Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2 ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- AMORIM, M. **O pesquisar e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2001.
- ARISTÓTELES. **A POLÍTICA**. São Paulo: Escala, col. Mestres Pensadores, 2008.
- BARROS, I.B.R. **Da linguagem e sua relação com o autismo: um estudo linguístico saussureano e benvenistianiano sobre a posição do autista na linguagem**. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2009.
- BARTHES, R. **Elementos de Semiologia**. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- _____. **O rumor da língua**. São Paulo: Editora brasiliense, 1988.
- BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. 5. ed. São Paulo, Pontes, 2005.
- _____. **Problemas de Linguística Geral II**. 2. ed. São Paulo, Pontes, 2006.
- _____. **Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. Trad. brasileira de Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2000
- BOUISSAC, P. **Saussure: um guia para os perplexos**. Tradução Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio): Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília/DF: MEC/SEF, 2000.
- CÂMARA, JR. J. M. **História da Linguística**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CORADINI, H. **Metalinguagem na obra de Língua Latina de Marcos Terêncio Varrão**. Tese de doutorado. São Paulo: USP-FFLCH-DLCV, 1999.
- COUQUET, J-C. **A busca do sentido: a linguagem em questão**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- DOSSE, F. **História do Estruturalismo: o campo de signo – 1945/1966**. São Paulo: Edusc, 2007, v. 1.

FARACO, C. A. **Estudos pré-saussurianos**. In: MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Cristina (Orgs.). Introdução aos estudos lingüísticos, volume 3; fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2002.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. **Linguística textual**: introdução. 2.ed. São Paulo: Editora Cortez, 1988.

FERREIRA JÚNIOR, J.T. **A dêixis pessoal nas interações mãe-bebê**: a constituição do sujeito no processo de enunciação. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2009

FIORIN, J. L. **Em busca do sentido: estudos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2015.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Contexto, 2016.

_____; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. (orgs). **Saussure**: a invenção da Linguística. São Paulo: Contexto, 2013.

FLORES; V. N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. **Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação**: uma introdução (primeira parte). In: Letras de hoje. Nº 126. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____; SILVA, S.; LICHTENBERG, S.; WEIGERT, T.. **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____; TEIXEIRA, M. **Introdução à linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____; MELLO, V.H.D. 2009. Enunciação, texto, gramática e ensino da língua materna. Ciências & Letras, 45:193-218.

FOUCAULT, M. 1995. **A ordem do discurso**. In: A. O. SOUZA, Apontamentos. Maringá, EDUEM, p. 6-30.

FREGE, G. **“Sobre sentido e a referência”** In: Lógica e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Cultrix/USP, 1978, pp. 59-86

GUIMARÃES. E. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. 3. ed. São Paulo: Pontes, 2005.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: Estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2010.

_____; TRAVAGLIA, L. C. **A inter-Ação pela linguagem**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCHE, V. S. **Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LAHUD. M. **A propósito da noção de dêixis.** São Paulo: Ática, 1979.

LYONS, J. **Lingua(gem) e linguística: uma introdução.** Rio de Janeiro: LTC Editora, 1987.

_____. **Introdução à linguística teórica.** São Paulo: Edusp, 1979.

MELLO, V. H. D. **A sintagmatização-semantização: uma proposta de análise de texto.** Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

MILANI, S. E. **Humboldt, Whitney e Saussure: Romantismo e Cientificismo-Symbolismo na história da Linguística.** 2000, 168 f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MILNER, J.C. **O amor da língua.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987

MOREIRA, H.; CALEFFE L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador.** RJ: DP&A, 2006.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NORMAND, C. **Saussure.** São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

PARRET, H. **Enunciação e pragmática.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

PLATÃO. **Diálogos: Teeteto e Crátilo.** Trad. C. A. Nunes. Belém: Editora da UFPA, 1988.

RAMAZINI, H. **Introdução à Linguística Moderna.** São Paulo ícone, 1990, p.25.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

TAMBA. I. **A semântica.** 2. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006

WEEDWOOD, B. 2002. **História Concisa da Linguística.** São Paulo: Parábola

ANEXOS

1 Reportagem¹⁴

11/12/2016 20h59 - Atualizado em 11/12/2016 22h03

Levir Culpi critica arbitragem por pênalti em Grafite: "Erro grosseiro"

Técnico do Fluminense diz que resultado é ruim, mas não deixa time abalado

Por **Fred Huber**
Volta Redonda, RJ



O técnico Levir Culpi lamentou a marcação do pênalti inexistente do Santa Cruz que culminou no empate de 2 a 2 entre o Fluminense e o time pernambucano neste sábado, em Volta Redonda, pela segunda rodada do Campeonato Brasileiro. Os dois times chegam aos quatro pontos na competição.

- Foi um jogo interessante, com quatro gols e oportunidades criadas. O Santa Cruz mostrou um sistema defensivo muito compacto, com uma marcação física muito avantajada. Conseguiram neutralizar muitas jogadas nossas. Mas mesmo assim nós chegamos e fizemos dois gols. Houve um erro grosseiro da arbitragem no pênalti. São dois problemas em relação à arbitragem. Primeiro é uma das piores coisas do futebol brasileiro: a simulação. Nisso estou incluindo todos os jogadores. A simulação deixa o árbitro em situação muito difícil. Agora se esse árbitro estivesse apitando um jogo de Libertadores, hoje não ficaria ninguém no campo porque o critério que ele usou não foi legal. Um resultado ruim para nós, mas não deixa ninguém abatido.



Fluminense e Santa Cruz ficaram no empate em Volta Redonda (Foto: Mailson Santana / Fluminense FC)

¹⁴ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/fluminense/noticia/2016/05/levir-culpi-critica-arbitragem-por-penalti-em-grafite-erro-grosseiro.html>. Acesso em 11 de dez de 2016

Muita posse, poucas chances

Aí que está o principal mérito do Santa Cruz, o time que, se não me engano, está há 16 jogos sem perder. Eles têm um sistema defensivo sólido, mas fizemos dois gols e criamos mais chances. Não dá para se queixar, apenas lamentar a maneira como foi.

Gerson irregular no segundo gol do Flu?

Quando uma bola é levantada na área e o árbitro marca pênalti, está correto, porque sempre alguém está agarrando alguém. Isso não precisa nem mostrar no vídeo. Se ele quiser marcar, ele marca.

"Podia ser mais estilo Libertadores"

Pela rotação e pelo número de faltas. Não tem faltinha. Se encosta já tem falta, isso é irritante. A simulação dos jogadores e o critério dos árbitros. Podia ser mais estilo Libertadores. Tenho trabalhado isso com meu time, não gosto de simulações. Não quero comemorar pênalti simulado. O pênalti deles claro que não aconteceu. Acho que foi simulação. Por que ele caiu? Ninguém tocou nele. A interpretação foi fraca. O brasileiro já nasce querendo enganar o árbitro. Precisamos melhorar isso. Essa simulação custou caro para nós.

Conversa contra as simulações

Eu não converso, eu estou exigindo. Mas mesmo assim é complicado. É um processo. Nós queríamos o fair play, por exemplo, que seria só devolver a bola no mesmo lugar, mas se joga lá no goleiro e faz pressão na saída. É difícil... O resultado hoje foi enganoso.

Finalizações

Acho que foi uma atuação até interessante. A postura tática do Santa Cruz é tão boa que eles estão há 16 jogos sem perder. É um time certinho, como a Ferroviária. O sistema defensivo principalmente. Mas nós criamos nossas chances, fizemos dois gols e poderíamos ter feito mais.

Confronto Grafite x Fred

Acho que foi muito interessante, porque eles ainda estão jogando em alto nível. Se a bola cai nos pés do Grafite, ele sabe exatamente o que fazer com a bola. Muito bom fisicamente também. Está bem na temporada. O Fred também. Dispensa comentários. Fico feliz de vê-

los em alto nível, apesar de terem uma certa idade.

O que falta para Richarlison se encaixar?

Acho que falta de tudo um pouco. A parte tática, que ele está com dificuldades. Aí, é o técnico. Mas tem muita qualidade.

Expectativa para o jogo contra o Palmeiras

Talvez seja melhor. Não sei dar essa resposta agora, mas um time que ataca também se expõe. As situações vão ser criadas, são dois grandes times do futebol brasileiro.

1 Termos de uso do site globo.com¹⁵

Termos de uso

Comentários

TERMO DE USO DA PLATAFORMA DE COMENTÁRIOS

Este termo de uso de plataforma de comentários ("Termo de Uso") regulamenta a utilização da plataforma para a postagem de comentários ("Comentários") em sites que integram o Portal Globo.com, disponibilizados pela GLOBO COMUNICAÇÃO E PARTICIPAÇÕES S.A., empresa com sede na Cidade e Estado do Rio de Janeiro, na Rua Lopes Quintas, nº 303, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 27.865.757/0001-02, por sua filial localizada na Avenida das Américas, nº 700, Bloco 2A, salas 101 a 316, na Cidade e Estado do Rio de Janeiro, CEP: 22.640-100, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 27.865.757/0024-90, doravante denominada simplesmente "Globo.com", pela GLOBOSAT PROGRAMADORA LTDA., empresa com sede na Avenida das Américas, nº 1650, Bloco 1 - salas 304 a 308, Bloco 2 - salas 103 a 111, 118, 119, 121, 122, 125 e 126 e Bloco 05 - Loja 101, salas 201 e 301, Barra da Tijuca, na Cidade e Estado do Rio de Janeiro, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 00.811.990/0001-48, doravante denominada simplesmente "Globosat" e pela EDITORA GLOBO S/A, com sede na Avenida Jaguaré, 1.485, São Paulo/SP, CEP 05342-900, inscrita no CNPJ/MF sob o nº de 04.067.191/0001-60, doravante denominada simplesmente "Editora", e quando em conjunto denominadas "Empresas", aos seus usuários da internet, através do endereço eletrônico www.globo.com ("Portal Globo.com"). No ato de adesão à Plataforma, o usuário (doravante "Usuário" ou "Você") se obriga a aceitar, plenamente e sem reservas, todos os termos e condições deste Termo de Uso:

1 – DESTINAÇÃO DA PLATAFORMA

1.1. As Empresas disponibilizarão, através dos sites que integram o Portal Globo.com, plataforma ("Plataforma") interativa ao Usuário, através da qual será possível publicar e armazenar comentários ("Comentários") a respeito dos conteúdos disponibilizados nos referidos sites do Portal Globo.com ("Produtos").

1.2. A Plataforma destina-se ao debate sobre o conteúdo publicado nos sites que integram o Portal Globo.com, apenas para fins informativos e de entretenimento, excluindo qualquer utilização comercial ou publicitária. A Plataforma e os Comentários não constituem aconselhamento jurídico, financeiro, médico ou profissional de qualquer natureza, pelo que não deverão ser utilizados para tais fins.

1.3. Os Comentários feitos por Você serão identificados como de sua autoria, sendo proibido o anonimato. Os Comentários serão publicados pelas Empresas sem qualquer edição ou prévia moderação.

¹⁵ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/fluminense/noticia/2016/05/levir-culpi-critica-arbitragem-por-penalti-em-grafite-erro-grosseiro.html>. Acesso em 11 de dez de 2016

1.4. Cada Produto do Portal poderá definir, a seu exclusivo critério, se poderão ser feitos Comentários sobre o conteúdo publicado, bem como o prazo em que a Plataforma ficará aberta para Comentários.

2 - CADASTRO

2.1. Para a utilização da Plataforma, Você deverá se cadastrar, criando um login e uma senha de acesso. Caso Você ainda não possua cadastro no Portal Globo.com, cadastre-se gratuitamente através do endereço <https://login.globo.com/cadastro/3004>, informando seus dados pessoais ("Dados Pessoais"), tais como nome completo, sexo, data de nascimento, e-mail, endereço e número de celular válido. Durante a realização do cadastro, Você precisará inserir um código alfanumérico no campo designado, código este que será enviado a Você por SMS para o número de celular por Você cadastrado. Cada número de celular somente poderá ser utilizado para a autenticação de um único Usuário.

2.1.1. Ao se cadastrar, Você deverá informar dados verdadeiros, que serão de sua exclusiva responsabilidade. As Empresas não se responsabilizam por dados falsos inseridos no cadastro.

2.1.2. Alterações no cadastro poderão ser feitas por Você através da Central de Relacionamento (<http://globo.com/central>).

2.1.3. Lembre-se: Você não poderá escolher como login palavras e expressões já utilizados por outros Usuários; que ofendam a terceiros; coincidentes com marcas de produtos ou serviços de terceiros, denominações sociais, expressões publicitárias, nomes ou pseudônimos de personalidades públicas, de pessoas famosas ou registrados por terceiros, ou que façam alusão a identidade destas, e também nomes de marcas, programas, produtos ou serviços das Empresas ou de qualquer uma de suas sociedades direta ou indiretamente controladas, controladoras ou sob controle comum.

2.2. Para se cadastrar sozinho, Você precisa ter ao menos 18 (dezoito) anos completos e ser plenamente capaz e deve fazer uma declaração nesse sentido. Se Você for menor de 18 (dezoito) anos ou necessitar de representação na forma da lei, seus pais ou responsáveis deverão lhe representar ou assistir. Neste caso, eles deverão preencher o seu cadastro e se responsabilizarão integralmente por Você e por seus atos.

2.3. Você é responsável por seu login e senha de acesso. Em caso de perda ou roubo da senha de acesso, deve comunicar imediatamente às Empresas, através do <http://centraldeajuda.globo.com/>.

2.4. As Empresas manterão os Dados Pessoais, através de seu sistema automatizado, para os usos e finalidades definidas na sua Política de Privacidade, acessível através do endereço: <http://www.globo.com/privacidade.html>. Ao acessar a Plataforma, Você aceita a Política de Privacidade e concorda com o tratamento dos seus Dados Pessoais pelas Empresas.

3 – CONDIÇÕES DE USO DA PLATAFORMA

3.1. Ao utilizar a Plataforma, Você se compromete a observar o Termo de Uso, as normas e regulamentos das Empresas, a lei, a utilizar termos aceitáveis socialmente, e a não desrespeitar a ordem pública.

3.2. Você não deverá utilizar a Plataforma para a prática de atos proibidos pela lei e pelo presente Termo de Uso, ou atos que possam danificar, inutilizar, sobrecarregar ou deteriorar a Plataforma, os equipamentos informáticos de outros usuários ou de outros internautas (hardware e software), assim como os documentos, arquivos e toda classe de conteúdos armazenados nos seus equipamentos informáticos (cracking) ou impedir a normal utilização da referida ferramenta, equipamentos informáticos e documentos, arquivos e conteúdos por parte dos demais usuários e de outros internautas.

3.2.1. Você se compromete a não utilizar qualquer sistema automatizado, inclusive, mas sem se limitar a "robôs", "spiders" ou "offline readers," que acessem a Plataforma de maneira a enviar mais mensagens de solicitações aos servidores das Empresas em um dado período de tempo do que seja humanamente possível responder no mesmo período através de um navegador convencional. É igualmente vedada a coleta de qualquer informação pessoal dos demais usuários da Plataforma.

3.3. Você não deverá utilizar a Plataforma e/ou publicar Comentários com a finalidade de distribuir ou incentivar qualquer ideia e/ou opinião que por si mesma ou cuja transmissão:

- (a) Incite e/ou promova o descumprimento da lei, seja difamatória, infamante, violenta, degradante, pornográfica, ou, em geral, contrária a ordem pública;
- (b) Incite e/ou promova ações ou ideias discriminatórias em razão de raça, gênero, orientação sexual, religião, crença, deficiência, etnia, nacionalidade ou condição social;
- (c) Constitua comportamento predatório, perseguição, ameaças, assédios, intimidações ou chantagem a terceiros;
- (d) Incite práticas perigosas, de risco ou nocivas à saúde e ao equilíbrio psíquico;
- (e) Viole segredos empresariais de terceiros;
- (f) Seja contrária à honra, à intimidade pessoal e familiar ou à própria imagem das pessoas;
- (g) Viole propriedade intelectual ou industrial de terceiros, ou contribua para tais práticas;
- (h) Facilite a disseminação ou contenha material com vírus, dados corrompidos, ou qualquer outro elemento nocivo ou danoso;
- (i) Desrespeite a legislação eleitoral e partidária;
- (j) Utilize a Plataforma para fins comerciais ou publicitários, compreendidos, inclusive: spam, correspondência corporativa e comunicações com finalidade comercial (prospecção de negócios, venda de serviços e mercadorias, ainda que relacionados à pessoa física, etc.) ou uso relacionado com negócios, ou que anuncie ou ofereça a venda de produtos ou serviços (com ou sem fins lucrativos) ou que solicitem outros usuários ou terceiros (incluindo pedidos para contribuições ou doativos).

3.4. Caso Você utilize a Plataforma ou publique Comentários contrariando as proibições da cláusula 3.3 acima ou contrariando qualquer outra disposição deste Termo de Uso, as Empresas poderão, a seu exclusivo critério, bloqueá-lo como Usuário, excluir quaisquer Comentários e/ou eliminar o cadastro do Usuário, a qualquer tempo e sem qualquer aviso prévio.

3.5. Caso Você identifique que outro usuário praticou qualquer ato em desobediência a este Termo de Uso, poderá clicar no botão "Denunciar" presente na Plataforma.

3.5.1. A partir do recebimento de 05 (cinco) denúncias contra um mesmo Comentário e/ou Usuário, o referido comentário e/ou o Usuário poderão ser bloqueados pelas Empresas, a seu exclusivo critério, sendo que o Usuário, nesta hipótese, não mais poderá usar a Plataforma.

4 – CESSÃO DE DIREITOS

4.1. Ao aceitar este Termo de Uso, Você concede às Empresas, bem como a terceiros eventualmente por ela indicados, com exclusividade, automática e gratuitamente, uma licença perpétua, em caráter irrestrito, irrevogável e irrevogável, para fins de utilização, publicação, transmissão, distribuição e exibição do conteúdo dos Comentários disponibilizados por Você.

4.2. As Empresas poderão livremente dispor dos Comentários, bem como de seus extratos, trechos ou partes, dando-lhes qualquer utilização econômica, sem que caiba a Você qualquer remuneração ou compensação, podendo, exemplificativamente, utilizá-los para produção de matéria promocional e peças publicitárias em qualquer tipo de mídia, inclusive impressa, para fins de divulgação de qualquer site do Portal Globo.com; fixá-los em qualquer tipo de suporte material, ou armazená-los em banco de dados; transmiti-los via rádio e/ou televisão de qualquer espécie, disseminá-los através da internet e/ou telefonia móvel ou fixa, incluindo as tecnologias de dispositivos de telas conectadas, bem como através de jornais e revistas, impressas ou online, exibir em circuito interno, e cedê-los a terceiros, ou, ainda, dar-lhes qualquer outra utilização que proporcione às Empresas alguma espécie de vantagem econômica. Nenhuma das utilizações aqui previstas tem limitação de tempo ou de número de vezes, podendo ocorrer no Brasil e/ou no exterior, a critério exclusivo das Empresas.

4.3 Você, ao aceitar os Termos de Uso, manifesta a sua concordância com a utilização, pelas Empresas, segundo seu exclusivo critério, dos comentários postados através da Plataforma em qualquer mídia descrita no item 4.2, incluindo cards de fan pages, associados ou não à Plataforma, mediante a divulgação do nome do Usuário, e reconhece que as Empresas poderão adaptá-los para adequá-los ao formato de cada mídia ou plataforma tecnológica.

5 – EXCLUSÃO DE GARANTIAS E DE RESPONSABILIDADE

5.1. As Empresas não têm obrigação de controlar a utilização que os Usuários fizerem da Plataforma. As Empresas não garantem que os Usuários utilizem a Plataforma em conformidade com a Lei, com este Termo de Uso ou de acordo com os valores médios presumidos da sociedade e a ordem pública. As Empresas também não tem a obrigação de verificar, e não verifica, a identidade dos Usuários, nem a veracidade, vigência, e autenticidade dos dados que os Usuários informam sobre si mesmos às Empresas, a outros usuários ou a terceiros. AS EMPRESAS SE EXIMEM DE QUALQUER RESPONSABILIDADE PELOS DANOS E PREJUÍZOS DIRETOS E/OU INDIRETOS DE QUALQUER NATUREZA QUE POSSAM SER DEVIDOS EM VIRTUDE DA UTILIZAÇÃO DA PLATAFORMA, DO CONTEÚDO DISPONIBILIZADO ATRAVÉS DOS COMENTÁRIOS QUE POSSAM SER DEVIDOS À FALTA DE VERACIDADE, VIGÊNCIA E AUTENTICIDADE DA INFORMAÇÃO QUE OS USUÁRIOS FORNECEM ACERCA DE SI PRÓPRIOS E, INCLUSIVE, QUE POSSAM SER DEVIDOS EM VIRTUDE DA SIMULAÇÃO POR UM USUÁRIO DA PERSONALIDADE DE UM TERCEIRO.

5.2. As Empresas não garantem a privacidade e a segurança na utilização da Plataforma por parte dos Usuários e, em particular, não garante e se exime da responsabilidade quanto à prática por terceiros não autorizados de atos de interceptação, eliminação, alteração, modificação ou manipulação dos Comentários.

5.3. Você, Usuário, é o único responsável pelo que escreve em seu Comentário, de modo que responderá integralmente por qualquer ofensa a direitos de terceiros que seu Comentário possa causar. Ocorrendo qualquer pleito ou demanda judicial de terceiros que de qualquer modo afete as Empresas, seus diretores, empregados e colaboradores, com relação ou em decorrência dos Comentários do Usuário que violem o presente Termo de Uso, quaisquer leis

ou regulamentos locais, nacionais ou internacionais aplicáveis, ou quaisquer direitos de terceiros, Você deverá assumir todas as responsabilidades decorrente do descumprimento de tais obrigações, bem como indenizar regressivamente as Empresas, caso esta venha a ser condenada ao pagamento de indenização ou outro pagamento de natureza distinta em virtude de atos praticados por Você em desacordo com as disposições deste Termo de Uso ou da legislação aplicável,

5.4. As Empresas não garantem, de forma expressa ou implícita, o desempenho e a adequação da Plataforma para qualquer finalidade específica desejada por Você.

5.5. As Empresas não são responsáveis pela prestação de quaisquer serviços ou bens, vendidos ou anunciados através dos seus anunciantes, patrocinadores, usuários ou parceiros de forma geral, associados à Plataforma, aos sites ou ao Portal Globo.com.

6 – NÃO LICENÇA

6.1. As Empresas autorizam o Usuário a utilizar qualquer aplicativo de informática instalado no servidor das Empresas que execute os elementos que compõem a Plataforma, desde que tal fato ocorra unicamente para utilizar a Plataforma em conformidade com o estabelecido neste Termo de Uso. As Empresas não concedem nenhuma outra licença ou autorização de uso de nenhuma classe sobre os seus direitos de propriedade industrial e intelectual ou sobre qualquer outra propriedade ou direito relacionado com a Plataforma ou ao Portal Globo.com.

7 – VIGÊNCIA

7.1. A autorização ora concedida para uso da Plataforma tem duração por prazo indeterminado. As Empresas reservam-se o direito de dar por terminada ou suspender a disponibilização da Plataforma a qualquer tempo, a seu exclusivo critério.

7.2. Ademais, as Empresas se reservam o direito de modificar unilateralmente a apresentação e configuração da Plataforma, assim como as condições ora requeridas para sua utilização.

8 – DISPOSIÇÕES GERAIS

8.1. O não exercício pelas Empresas ou pelo Usuário de quaisquer direitos ou faculdades que lhes sejam conferidos por este Termo de Uso ou pela legislação brasileira, bem como a eventual tolerância contra infrações a este Termo de Uso, não importará na renúncia aos seus direitos, novação ou alteração de itens e cláusulas deste Termo de Uso, podendo as Empresas ou Usuário exercê-los a qualquer momento.

8.2. O presente instrumento, bem como a cessão prevista na cláusula quarta acima não importam na criação de qualquer vínculo trabalhista, societário, de parceria ou associativo entre as Empresas e o Usuário.

8.3. A marcação do "check-box" ao lado do texto "Concordo com os Termos", seguida pelo clique no botão "aceitar" e/ou a utilização da Plataforma por Você são consideradas, para todos os fins de direito, como sua aceitação de todos os termos e condições do presente Termo de Uso, que terá valor de contrato, passando o mesmo a regular a relação entre as Empresas e Você.

8.4. Todos os demais avisos, regulamentos e instruções do Portal Globo.com, bem como a Política de Privacidade, complementam este Termo de Uso, no que não divergirem do presente instrumento.

8.5. Todas as comunicações das Empresas com o Usuário serão feitas via e-mail. As Empresas poderão divulgar notificações ou mensagens através da Plataforma ou do Portal Globo.com para informar ao Usuário eventuais mudanças na Plataforma ou no Termo de Uso e/ou outras informações que considerar relevantes.

8.6. Fica eleito o Foro Central da Comarca do Estado do Rio de Janeiro para dirimir quaisquer questões oriundas deste Termo de Uso, desistindo as Partes de qualquer outro, por mais privilegiado que seja ou venha a ser. Qualquer disputa que surja em virtude do presente Termo de Uso será regulada pela legislação brasileira.
